



# NO PINTCHA

IV ANIVERSÁRIO

ORGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713 - 3726 - 3728

BISSAU

## Aristides Pereira em Angola e Moçambique



O camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República de Cabo Verde, deslocou-se em visita privada e de amizade de um dia à República Popular de Angola, e de dois dias à República Popular de Moçambique, a convite dos presidentes daqueles países.

No Aeroporto de 4 de Fevereiro, em Luanda o Secretário-Geral do PAIGC foi recebido, na terça-feira dia 20, pelo Presidente do MPLA-Partido do Trabalho, e da República Popular de Angola camarada Agostinho Neto. Nas conversações tidas na residência do Presidente angolano, no Futungo das Belas, os dois líderes falaram das relações entre jovens países africanos de expressão oficial portuguesa e da situação internacional, em particular do nosso continente.

Após a sua estadia de 24 horas em Luanda, o Secretário-Geral do PAIGC seguiu para Maputo, onde foi recebido, na quinta-feira passada, pelo Presidente da Frelimo e da República Popular de Moçambique, Camarada Samora Machel, com quem teve conversações.

O camarada Aristides Pereira é acompanhado nesta sua viagem pelos camaradas Carlos Reis, do CSL do Partido e ministro da Educação e Cultura, pelo Procurador da República, Carlos Veiga, e pelo director do Banco de Cabo Verde.

## IV aniversário do "Nô Pintcha" Malhar em chumbo frio ...

*Não se pode dizer que festejamos este 4.º aniversário do «Nô Pintcha» da forma mais auspiciosa. Arredado do contacto regular com o leitor - com alguma tristeza; mas também com o*

*humor que ainda resta, vamo-nos habituando a ouvir que não publicamos um trissemanário, mas apenas um «quando-calhário» - um jornal perde muito da razão da sua existência e quase*

*tudo o que lhe confere o carácter de instrumento eficaz de uma ideologia ao serviço das massas populares.*

Continua na pág. 8

## EDITORIAL

O «No Pintcha» surgiu a 27 de Março de 1975 como o resultado do sério engajamento do nosso Estado em dotar o nosso Povo de meios de informação indispensáveis ao processo de desenvolvimento.

O seu aparecimento constituiu, sem dúvidas, a materialização de uma necessidade que se apresentava, simultaneamente, como um acto de desafio às inúmeras dificuldades que se levantavam ao país e, em particular, àqueles que tiveram o privilégio e a responsabilidade directa de o lançar e dar continuidade.

A criação do nosso Jornal foi, pois, uma decisão corajosa que nos confrontava a problemas cuja dimensão ultrapassava o facto de podermos ou não produzir, materialmente, um periódico trissemanal de oito páginas. Acontecia que, com o «NO PINTCHA», era mais um sector social de trabalhadores

## No fim da viagem à Europa

### Presidente Luis Cabral chega hoje a Argel

O Presidente Luís Cabral terminou ontem a sua «tournée» por cinco países europeus membros da Comunidade Económica Europeia. Antes de regressar a Bissau, na próxima quinta-feira, dia 29, o Chefe de Estado é esperado hoje na Argélia, para uma visita privada de dois dias.

A última etapa da sua viagem à Europa foi a França, onde chegou no domingo à tarde, tendo almoçado ontem com o presidente francês Valéry Giscard d'Estaing, no Palácio do Eliseu.

Na sua visita à Argélia o Presidente Luís Cabral será recebido pelo seu homólogo argelino Chadli Bendjedid. O camarada Luís Cabral é o segundo pre-

sidente africano a visitar a Argélia, após a formação do novo Governo argelino, que é presidido pelo coronel Mohamed Benahmed Abdelghani. O presidente

da Libéria, William Tolbert, o futuro presidente da OUA, foi o primeiro, com uma estadia de apenas de 4 horas.

Recordamos que o Presidente Luís Cabral deixou a nossa capital no passado dia 13 de corrente mês para uma visita oficial à Comunidade Económica Europeia e visitas privadas e de trabalho à Bélgica, de 16 a 17, à Holanda, de 18 a 19, à Noruega, de 20 a 21, à Suécia de 22 a 24, e à França de 25 a 26.

No segundo dia da sua estadia em Oslo, capital da Noruega, o camarada Presidente Luís Cabral, teve uma reunião de trabalho com o Primeiro-Ministro da Noruega, Odvar Norli, que se encontrava acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros norueguês, Knut Frydenlund e altos funcionários ligados à cooperação. Nessa reunião foi feita a análise da coope-

Continua na pág. 8

## Primeira reunião do CNG presidida pelo Comandante Nino

Realizou-se na sexta-feira à tarde, na sede do Partido, em Bissau, mais uma reunião ordinária do Comité Permanente do Conselho Nacional da Guiné do PAIGC. Participaram também nos trabalhos o Secretário Executivo do CEL e os membros do Secretariado do CNG, tendo presidido, pela primeira vez,

o camarada João Bernardo Vieira (Nino), recentemente designado pelo CSL para o cargo de Presidente do CNG.

Abriendo a sessão, o camarada Nino evocou, em breves palavras, a figura de Francisco Mendes a quem sucedeu no desempenho dessas funções, garantindo toda a dedicação e entusiasmo na continuação da sua obra à frente do órgão de direcção nacional do PAIGC na Guiné.

Intervindo a seguir, o Secretário Executivo do CEL, José Araújo, falou das grandes esperanças com que foi recebida por todos os trabalhadores do Partido

a designação do camarada Nino para o cargo de Presidente do CNG. Saliendo ainda que «o camarada Nino é um dirigente que reúne todas as condições para dinamizar e levar avante a actividade do CNG, um dos órgãos mais importantes do PAIGC responsável pela orientação e controlo da vida quotidiana do Partido e do Estado, a nível nacional», José Araújo exprimiu a certeza de que «novos passos em frente serão dados, no quadro do Partido, ao longo de 1979, ano do XX aniversário do massacre de Pindjiquiti».

Continua na pag. 8

## Conselho Comissários

O Conselho de Comissários analisou a situação dos trabalhadores tinham sido exonerados pelo Decreto n.º 16-77, por se terem aposentado em Portugal. Como se sabe, o Decreto n.º 30-78, diz nomeadamente, que os trabalhadores exonerados por essa legislação, mas que hajam renunciado ao processo de aposentação junto do Governo Português, poderão ser reintegrados desde que, residindo no país, a tenham requerido até 31 de Janeiro findo.

Continua na pág. 8

## Praia: demissão de dois membros do governo

que teria de nascer - os profissionais do jornalismo escrito.

Até então, privado pelo colonialismo de uma informação nacional feita por nacionais, o nosso povo assistia à formação de um grupo de jovens - os trabalhadores do Jornal - que, virados para a pesada missão de se capacitarem profissional e politicamente num domínio novo e fundamental, contavam com a sua consciência militante e a sua capacidade potencial. Ao seu lado, e decisivo para o arranque, contava-se com o apoio de cooperantes portugueses que, ao «NO PINTCHA», têm dado a sua colaboração. O nosso Jornal, mais do que oito páginas de um periódico, representava, como ainda hoje, uma manifestação de um processo complexo - a formação e o fortalecimento de uma consciência profissional nova.

Quatro anos passados sobre a sua criação, ao de-

bruçarmo-nos sobre o Jornal e ao reconhecermos os traços das carências materiais e profissionais que nele se reflectem reconhecemos também o trabalho positivo que o «NO PINTCHA» tem desenvolvido. Esse é o resultado de uma análise crítica realizada num quadro vasto em que as qualidades e as carências dos jornalistas que nele trabalham e se forjam, e as dificuldades estruturais e materiais que são as nossas se imbricam, naturalmente, no exercício de uma actividade da qual o sistema de dominação colonial impediu-nos de possuir tradições.

Perguntamo-nos, neste aniversário, se o nosso jornal está cabalmente a viver quatro anos de existência, comportando os devidos reflexos de experiência e de aperfeiçoamento que esse período deveria ter proporcionado. Respondemos sem hesita-

Continua na pág. 8

## Sindicato holandês contactou a UNTG

A delegação da Confederação dos Sindicatos Holandeses, integrada por Piet Damming, membro do Comité Executivo e responsável das relações internacionais, e Piet Jeuken, do Conselho das relações internacionais, após uma estadia de dois dias no nosso país, durante os quais discutiu com a União Nacional dos Trabalhadores da Guiné-Bissau as condições de estabelecimento de um programa de cooperação, entre os dois organismos sindicais partiu na quarta-feira passada para Cabo Verde.

A referida delegação chegou a Bissau na passada segunda-feira, no seguimento de uma digressão por diferentes países africanos, tendo já efectuado contactos

com as organizações sindicais da Tanzânia, Zâmbia, Togo, Zimbabué e OESA (Organização Sindical de África).

Para estudar as possibilidades de cooperação com a Guiné-Bissau nos domínios técnicos de extensão e desenvolvimento rural chegou à nossa capital uma delegação brasileira composta dos drs. Matos Carvalho Pereira e Rita Myla Gomes, funcionários de empresas ligadas à extensão rural.

Esta visita, que terá a duração de três semanas, vem na sequência dos contactos tidos pelo camarada Victor Saúde Maria, Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros, aquando da sua viagem ao Brasil em Maio do ano passado.

## Barragem de Cumura recupera 400 hectares para a agricultura

Uma pequena cerimónia oficial marcou, na terça-feira passada, a conclusão dos trabalhos de construção de uma barragem num dos braços do rio Pefini, para a protecção das bolanhas de Cumura contra a invasão da água salgada. Visitaram a barragem os camaradas Tiago Aleluia Lopes, membro do CEL do Partido e presidente do Comité do Partido do Sector autónomo de Bissau, e Mário Cabral, comissário de Estado do Desenvolvimento Rural.

Os 30 trabalhadores da Brigada de Recuperação das Bolanhas do Departamento de Hidráulica Agrícola e Solos do CEDR, que executaram esta obra com dois tractores de pás carregadoras, cinco escavadoras e três camiões basculantes, sob a direcção do regente agrícola João Galvão, receberam, a chegada, a delegação visitante. Na referida

cerimónia, os camaradas Tiago Aleluia Lopes e Mário Cabral dirigiram palavras de felicitações aos trabalhadores da brigada em geral, os tractoristas, em particular, pelo trabalho executado. Os responsáveis visitantes encorajaram os operários a prosseguirem o trabalho com a mesma abnegação de sempre.

Por seu turno, o regente João Galvão e o tractorista Augusto António da Silva responderam, agradecendo a presença dos altos dirigentes do Partido e do Estado, e reconheceram nela um gesto de encorajamento para os seus trabalhos futuros. A terminar a sua intervenção, João Galvão, em nome do departamento a que pertence e de todos os componentes da brigada de recuperação das bolanhas, assegurou aos responsáveis presentes a determinação de prosseguirem com o mesmo entusias-

mo as tarefas que lhes foram confiadas nesta luta de reconstrução nacional da nossa terra.

### A MAIOR BARRAGEM CONSTRUÍDA ATÉ AGORA

A barragem do rio Pefini, a maior das quatro já construídas pela mesma brigada, foi feita com um aterro de cerca de sete metros de altura e 220 metros de comprimento. Ela vai permitir a recuperação de cerca de 400 hectares de terreno outrora inundados pelas águas do mar, dos quais 120 hectares se destinarão à cultura do arroz de bolanha. Com a conclusão desta barragem, cuja construção durou cerca de dois meses, será posteriormente feito um levantamento topográfico para se determinar com precisão o total da área cultivável e os locais de construção de um sistema de drenagem para o controlo do volume de água nos terrenos cultivados.

Os padres italianos de Cumura financiaram todo o combustível utilizado na construção da barragem e a alimentação para os trabalhadores, em apoio aos camponeses da área.

Dois semanas antes desta cerimónia, precisamente ao meio do dia, a perícia

dos tractoristas no manejo das máquinas venceu finalmente a força da corrente de água, e o aterro alcançou a outra margem do rio ante os olhares emocionantes e agradecidos dos camponeses, e a alegria do Bispo de Bissau, D. Cetímio Ferrazetta, e de outros padres de Cumura.

Estava assim concluída a barragem. O camarada João Galvão informou à nossa reportagem que o pedido de construção desta barragem foi feita há quatro anos, pela população da Secção de Cumura, através do seu Comité de Estado. Mas por falta de tractores, o pedido só pôde ser executado agora.

Segundo os agricultores ali presentes, na próxima época agrícola já se poderá cultivar arroz nos terrenos mais altos que ladeavam o curso do rio. O aproveitamento integral da área recuperada só poderá ser feito daqui atrás anos, pois com a lavagem natural do terreno pelas chuvas, a salinidade irá diminuindo progressivamente. Os trabalhos de cultivo da área irão ser feitos pela população, com o apoio do nosso Governo em sementeiras de várias espécies, conforme vem sendo prática após a independência do país.

## Acordo de cooperação técnico-científico Guiné-Bissau - Checoslováquia

A Guiné-Bissau e a República Socialista da Checoslováquia assinaram um acordo de cooperação técnico-científica, tendo constituído uma comissão mista para promover a sua aplicação.

Esta comissão velará pelo cumprimento de um acordo

assinado no passado dia 21, na Secretaria do Estado das Pescas, por representantes

dos dois governos, o camarada Leonel Vieira, director-geral do Comissariado dos Negócios Estrangeiros pelo da Guiné-Bissau, e Josef Koci, director-geral do Mi-

nistério dos Tratados Estrangeiros, pela República Socialista da Checoslováquia, e deverá formular recomendações aos dois governos com vista ao desenvolvimento da cooperação entre os dois países.

No mesmo quadro eden-

tro em breve, será assinado um acordo comercial entre os dois países.

O presente acordo baseia-se na vontade dos governos dos dois países em desenvolver e promover a cooperação técnico-científica

Continua na 6 pag.

## Sobre o Ano Internacional da Criança - falam os principais interessados

### RESPONDE O POVO

O inquérito que hoje publicamos traz as respostas de seis crianças de idade compreendidas entre 10 a 12 anos de idade que estudam na 3.ª classe na Escola Duarte Vieira, sita num Bairro de Tchada, sobre o Ano Internacional da Criança. Diga-se desde já que essas respostas que iremos apresentar na íntegra, não são senão um exemplo vivo da capacidade de aprendizagem desta nova geração.

Os nossos inqueridos explicaram o que significava para elas o Ano Internacional da Criança, condenaram certas práticas dos adultos, sobretudo dos pais para com as crianças, nomeadamente a divisão injusta do «mafé», apelaram para o aumento das escolas no país, etc. Tudo isso a contradizer as respostas que delas esperávamos...

Depois de explicarmos à professora Georgina Lopes Tavares - muito amável para conosco - o que nos levou àquelas bandas, ela sorriu e disse: quem é que quer falar do Ano Internacional da Criança? Ouviu-se um corro «eu, eu...». Só que o espaço destinado aos inquéritos não permitia registar as opiniões de todos.

Amadú Jaló, de 10 anos de idade, afirmou: «para mim o Ano Internacional da Criança é muito importante, porque os problemas das crianças de todo o mundo vão passar a constituir uma das principais preocupações dos adultos. Acho muito justa esta medida, porque as crianças são os continuadores das obras dos adultos».

### NÃO À DICISÃO INJUSTA DO «MAFÉ»

Joaquim Pereira Bassanguê tem 11 anos, e é, segundo a camarada Georgina Tavares, o mais «terrível»

da turma, mas também o mais desembaraçado. Depois de reforçar a opinião do seu companheiro Amadú Djaló sobre o significado que atribuíra ao Ano Internacional da Criança disse: «quero que neste ano sejam criadas mais escolas em todos os cantos do nosso país porque elas não chegam. No ano passado, muitas crianças não puderam frequentar as escolas porque não havia lugares para toda a gente. Que acabe também, mas de uma vez para sempre, a divisão injusta do «mafé». Muitos adultos, particularmente os nossos pais lá em casa, dizem que os meninos não podem comer a carne e peixe porque os ossos engatam-lhes na gar-

ganta. Ora isso é mal. Penso que quando há «mafé», os primeiros a beneficiarem dele devem ser as crianças, porque elas devem alimentar-se bem e, por outro lado não aguentam a fome. Precisamos também de cadernos, sobretudo os das provas, porque aqueles que tínhamos aqui na escola foram todos roubados. Quero também que todas as crianças da nossa terra tenham bolas de jogar nas suas escolas.

Nós não temos bolas nem equipamentos. Costumamos arranjar mangos para jogar futebol ou voleibol».

### NÃO SE DEVE BATER NA CRIANÇA

Gabriel Fati, de 12 anos, reforçou a opinião do seu colega anterior, para afirmar que «isso é uma vergonha. Uma escola como a nossa não deve ter falta de todos esses materiais. Ficamos tristes quando os meninos das outras escolas dizem que nós não jogamos na nossa escola como eles fazem». Joaquim Pereira Bassanguê, volta à carga para sublinhar que, se uma criança se recusa a ir à escola os pais não devem bater nela nem repreendê-la com cara de mau amigo.

«Então como é que deve fazer?» perguntamos. Deve procurar convencê-la - respondeu Bassanguê - a ir à escola. «Mas há meninos mesmo bandidos, não há?» perguntamos de novo mas Joaquin Bassanguê tinha a resposta na ponta da língua: «não concordo consigo. Há sim, meninos pobres que não têm dinheiro para ir comprar coisas de comer no intervalo com fazem os meninos ricos e isso faz com que alguns destes meninos deixem de gostar da escola».

### QUE AS CRIANÇAS POBRES SEJAM AS MAIS BENEFICIADAS

Para Agostinho da Costa, de 12 anos, as crianças mais pobres devem ser as mais beneficiadas neste Ano Internacional da Criança, enquanto que Constantino Soares da Gama, também de 12 anos, faz votos para que todas as crianças do mundo tenham boa saúde.

Assiato Djaló, tem 12 anos de idade e é um pouco tímida. Sempre que falava para nós virava a cara para outro lado, gesto esse que mereceu a repreensão de Joaquim Pereira Bassanguê, que lhe disse que «quando uma pessoa está a falar



contigo não vires a cara para outro lado. Isso é desprezo».

Nas suas declarações, Assiato Djaló, diria que o Ano Internacional da Criança só será importante para ela quando as crianças do campo que os pais não deixam ir para a escola, mandando-as guardar as suas lavras no campo ou fazer a pastoreira passarem a viver em melhores condições. Os responsáveis pelos Pioneiros «Abel Djassi» naqueles locais devem tomar sérias medidas

para que essas crianças vivam melhor. Todas as crianças devem ir a escola porque são elas que vão tomar conta da nossa terra amanhã. Há crianças que ainda passam mal noutras terras por causa do colonialismo. Gosto muito da minha professora porque ela não nos bate, mas tenho um pouco de medo dela. Bom, não é bem medo, tenho é muito respeito por ela».

### «SÓ ME DÃO 1 PESO PARA O PEQUENO ALMOÇO».

Tino Fernandes, de 12 anos, diria por seu lado, que «um menino deve tomar o pequeno almoço antes de ir para escola, mas eu não tomo porque os meus pais são muito pobres».

Todas as manhãs, os meus pais só me dão 1 peso para comprar mancarra no intervalo. Não quero ser adulto agora, porque nesta fase de criança posso pedir 1 peso aos pais, o que não se pode fazer como adulto, porque os pais mandam-me ir trabalhar. A única coisa que me leva a querer ser adulto é o facto de poder trabalhar para ajudar os meus pais».

## PROGRAMA DIVERSIFICADO CELEBRA O ANO DA CRIANÇA

A Comissão Nacional para o Ano Internacional da Criança foi nomeada no fim do ano passado e é formada por 11 membros, tendo como presidente de Honra o camarada Aristides Pereira, secretário-geral do PAIGC.

A comissão tem um grupo executivo, constituído por três elementos que se encarregarão de levar à prática as decisões tomadas pela Assembleia da Comissão Nacional.

O Ano Internacional da Criança é aproveitado pelo Governo e pelas várias estruturas partidárias essencialmente para fazer eco da importância que dedicam às crianças e conseguir apoio internacional para a concretização de várias ideias que se tem em mente a favor do seu bem-estar. Esta preocupação vem do início da luta de libertação nacional, quando o camarada Amílcar Cabral frisava que as crianças eram a razão fundamental da nossa luta.

É notório o melhoramento que se conseguiu já nos dois níveis fundamentais das

carências infantis e que dizem respeito directamente ao Governo - a Saúde e a Educação. Campanhas de vacinação e um maior número de médicos prestando assistência à infância, são realizações que toda a população, já constatou, muito embora ainda haja muito a fazer.

### SEMINÁRIO SOBRE AS CRIANÇAS ESTÁ EM ESTUDO

O Ano Internacional da Criança (AIC) é, entretanto, conforme nos declarou um membro da Comissão Nacional, «uma ocasião privilegiada para a realização de debates e palestras a respeito da criança cabo-verdiana, permitindo apurar formas concretas da sua promoção na nossa sociedade.

Estão, para isso, em formação, diversos grupos de trabalho (alguns já formados), que estudarão particularmente a situação da criança no que respeita a nutrição, saúde, escolarização, assistência social, diversões,

justiça social e participação nas actividades económicas, o que permitirá, possivelmente, em meados deste ano, a realização de um seminário cujo tema principal será «A Criança e o Desenvolvimento».

A Comissão aproveitará o seminário para fazer um estudo-levantamento dos problemas criados entre a infância pela emigração, pois, em muitos dos casos de delinquência juvenil registados, os intervenientes são filhos de pais emigrantes.

A UNICEF cobrirá as despesas do seminário.

Na última reunião do Executivo da Comissão Nacional esteve presente uma delegação da UNICEF composta por um representante regional deste departamento para a África Ocidental, sr. Awdah, representante da UNICEF para a Guiné e Cabo Verde, sr. Mandinger, e um técnico que apoia a organização metodológica do seminário, sr. Pierre Campagne.

A missão da UNICEF

prometeu custear as despesas do seminário, e segundo um elemento da Comissão Nacional, e estão a envidar-se esforços junto desse organismo da ONU no sentido da obtenção do financiamento de algumas realizações materiais como parques de diversão e uma biblioteca infantil.

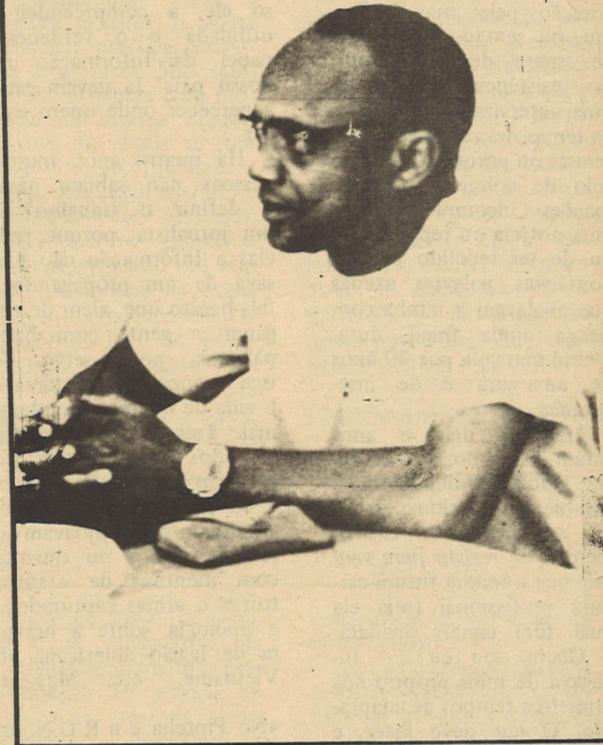
### REVISTA INFANTIL

A Comissão passará a publicar regularmente um boletim que servirá não só como meio directo de divulgação do trabalho da Comissão Nacional e mobilização da população à volta dos problemas da criança, como um excelente meio de troca de experiência das comissões regionais espalhadas pelas ilhas, com poucas possibilidades, por isso, de discutir, face a face, os problemas específicos de cada ilha.

Paralelamente a isso, o Ministério da Educação lançará no próximo mês, o primeiro número de uma revista ilustrada para crianças.

## Amílcar Cabral

### A prática revolucionária Princípios do Partido II independência de pensamento e de acção



#### PRINCÍPIOS DO PARTIDO

#### II - INDEPENDÊNCIA DE PENSAMENTO E DE ACÇÃO

Um outro princípio importante na linha do nosso Partido, é o seguinte: Independência do nosso pensamento e da nossa acção.

Nós, estamos a lutar pela independência da nossa terra, pela independência do nosso povo. A primeira condição para isso é que o nosso Partido a sua direcção, deve ser independente, tanto na maneira de pensar os problemas e de resolver os problemas, como na sua acção dentro ou fora da nossa terra. Essa é que tem sido a linha do nosso Partido.

Todas as decisões que nós tomamos no quadro do nosso Partido, em relação ao nosso trabalho no interior da nossa terra, ou em relação ao nosso trabalho fora da nossa terra, no plano africano ou no plano internacional, são tomadas na absoluta independência da nossa maneira de pensar e de agir.

...Mas devemos saber bem que a independência é sempre relativa.

...No quadro dessa independência relativa de pensamento e acção (relativa, porque mesmo no pensamento também somos influenciados pelo pensamento de outros, porque não somos os primeiros a fazer uma luta armada de libertação nacional, uma revolução, há outros que fizeram, há outras experiências, não fomos nós que inventamos a guerra de guerrilha, nós inventamo-la na nossa terra) mas no quadro dessa independência dizia, temos que ter consciência de que não há luta nenhuma que se possa fazer sem aliança, sem aliados. Não podemos fazer uma luta sem saber que caminho devemos seguir. Para isso temos que ter consciência, primeiro: de quem são os nossos aliados dentro da África e do Mundo.

Nós falamos muito de África, mas nós, no nosso Partido, devemos lembrar-nos de que antes de sermos africanos, somos homens, seres humanos, pertencendo ao Mundo inteiro e não podemos portanto permitir que nenhum interesse do nosso povo seja limitado ou estragado por causa da nossa condição de africanos. Devemos pôr os interesses do nosso povo acima disso, no quadro dos interesses da humanidade em geral, para depois então os pormos no quadro dos interesses da África em geral.

Em África, os nossos aliados são aquela gente, governos, Partidos ou Estados, indivíduos ou organizações que querem de facto a independência de África a sério, que querem a independência do seu povo a sério, independência para tomarem a sua história nas suas mãos para tomarem a riqueza do seu povo nas suas mãos, para avançarem para diante, para construir uma vida melhor. Mas aliado concreto e imediato é todo aquele que é contra o colonialismo português abertamente, em África.

Do «SEMINÁRIO DE QUADROS», realizado de 19 a 24 de Novembro de 1969.

## HOSPITAL DO FOGO

### — Uma Unidade «modelo» da saúde

Formado por um conjunto de edifícios airoso do último período do estilo colonial, varandas e sobrados ao nível do rés-do-chão, jardins cuidados com plantas verdejantes e árvores tropicais, paredes e muros bem caiados, chão lavado e limpo, o Hospital do Fogo constitui, de facto, um «brinco» precioso para a saúde em Cabo-Verde.

Há duas enfermarias, uma para homens, outra para mulheres e crianças. A maternidade dispõe de sete camas, a sala de partos e uma sala para consultas particularmente voltadas para a protecção materno-infantil.

Há dois médicos e cinco enfermeiros apenas com um gabinete de consulta, os 400 contos recentemente aplicados na reparação e remodelação das estruturas, já desaptadas às novas necessidades, não puderam valer ainda ao gabinete de radiologia, cujo aparelho precisa de ser rebobinado. O laboratório de análises clínicas não dispõe ainda de pessoal qualificado.

Um «jeep» e uma ambu-

lância Land-Rover são os meios de transporte utilizados pelos médicos para deslocação semanal aos três postos clínicos da ilha (Ponta Verde, Cova Figueira e Mosteiros), deslocação mensal à Chã das Caldeiras e quinzenal, de um enfermeiro, a Campanhas.

Oitenta doentes são diariamente atendidos no Hospital de S. Filipe, para além da sessão especial da quinta-feira para tuberculosos e das consultas também em dia certo para os hipertensos.

Grande actividade é desenvolvida pelos profissionais da saúde na ilha: para além de toda a medicina curativa, muitas formas de medicina preventiva são diariamente praticadas. Faz-se a prevenção da diarreia, vacina-se contra a poliomielite, o tétano, a tosse convulsa, a difteria, e aplica-se o BCG. Desenvolve-se um programa vasto de saúde materno-infantil, sem o apoio do PMI (Programa Materno-Infantil), multiplicam-se as campanhas de prevenção de latrinas e de remoção de lixos. Trinta e

cinco agentes sanitários de base, mas sem equipamento, estão já espalhados pelas aldeias.

Entre as principais necessidades do Hospital do Fogo contam-se uma enfermaria de pediatria, uma enfermaria para isolamento de doentes de tuberculose e de lepra (por razões de ordem social e não técnico-científicas), a vinda de um ajudante técnico de radiologia, de um técnico de laboratório e de um cirurgião, e o aumento dos meios de transporte.

Em recentes declarações prestadas ao Voz di Povo, o ministro da Saúde e Assuntos Sociais, camarada Manuel Faustino, informou que um pequeno laboratório periférico entrará em funcionamento no Hospital do Fogo, pôr-se-á de pé o serviço de Radiologia, dotado com aparelhos novos, e verificar-se-á uma evolução para as 50 camas, simultaneamente com a melhoria das condições para intervenções cirúrgicas. Mais uma Unidade Sanitária de Base está, de resto, em construção, a Unidade de Cam-

panas evoluirá para Posto sanitário e o posto dos Mosteiros terá melhoramentos.

#### Combate à lepra

Vinte e cinco novos casos de lepra vieram juntar-se, em 1978, aos 300 casos detectados na ilha do Fogo. Só em Outubro foram detectados 7 novos casos.

As razões da persistência da doença são sobretudo de ordem higiénica: más condições de habitação, falta de água em muitas casas e alimentação pobre em proteínas e vitaminas.

Mas no Fogo a lepra enfrenta-se com determinação. Desenvolvem-se campanhas de desmistificação da doença, a antiga gafaria foi transformada em Centro de Diagnóstico e tratamento da Lepra e um leprólogo italiano reside e trabalha na ilha.

É ele, de resto, quem vai controlar e orientar, em viagens constantes, a actualização dos delegados de Saúde nas ilhas de Santo Antão, Santiago e Brava, onde também ainda se registam alguns casos desta doença.

## Como um repórter era visto pelo público e como aprendemos a conviver lutando

Com esferográfica e papel nas mãos, lá ia eu, num bater acelerado do coração, pelas ruas de Bissau, ou sentado numa sala de espera, depois de muitas insistências para obter uma entrevista. Nem todos os temas me cativavam o interesse ou porque tinha o receio de voltar com informações incompletas para uma notícia ou reportagem, ou de ser repellido por espontâneas palavras azedas que abalavam a minha confiança ainda frágil, duramente marcada por 20 anos de amargura e de insegurança.

Mas os dias e anos foram passando, e a vivência numa realidade nova iam-me proporcionando ricas experiências e ensinamentos de resistir para vencer, que a minha futura carreira profissional (seja ela qual for) jamais olvidará.

Quem sou eu? — Indagava de mim próprio nos primeiros tempos de adaptação. O que devo fazer, e como devo ser perante o público, para servir o meu povo e a esta sociedade de emaranhados conflitos internacionais, a sociedade onde os ricos parecem ser cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres? Das duas uma — respondia a mim mesmo: ou oitenta ou oitenta. Vamos fincar o pé no solo, aumentar as nossas capacidades de trabalho («leva-te! Verás melhor e outros te

verão melhor — diz um ditado») e permitir ao público menos politizado, e não só ele, a compreender a utilidade e o verdadeiro papel da Informação no nosso país. Já devem estar a perceber onde quero chegar.

Há quatro anos, muitas pessoas não sabiam pesar e definir o trabalho de um jornalista, porque para elas a Informação não passava de um propagandista fala-barato que, além de enganar a gente com boas palavras, pode servir de isca e anzol para «tramar» a vida de quem respondesse mal. Talvez fossem condicionados pela prática do «Arauto», «Voz da Guiné» e do programa da «Guiné-Melhor» que enjoavam o teimoso leitor ou ouvinte com mentiras de «tantos turras e armas capturados» e apologia sobre a bravura da legião americana no Vietname, etc. Mas o

«Nô Pintcha e a R.D.N. assim como outros órgãos nascentes de comunicações de massas, são uma nova arma de informação, formação e de mobilização dos nossos trabalhadores.

Não imaginem o estado em que um repórter regressa cambaleando para a Redacção, nos dias que lhe calharem temas que o público considera «complexos» para responder.

Eu tive a sorte de ainda não ter sido ameaçado de

caras, nos inquiridos do «Responde o Povo», embora já houvesse pessoas que, ao solicitar-lhes uma conversa, param, olham-me dos pés à cabeça, e afastam-se sem abrir a boca, como se vissem em mim uma praga. Outros há que perguntam: «Julgas que eu não tenho que fazer? Vai à vida rapaz!».

Com alguns dos meus colegas, houve episódios mais desabradáveis. Certa vez uma mulher disse assim para um deles: «Olha para este. Tu julgas que me enganas? Vocês têm a mania de saber as coisas da boca da gente para levar os nomes à polícia. Não me chateies! Nha boca ca está lá!».

Nesses casos, temos o princípio de tentar acalmar a pessoa e levá-la a entender e a reconhecer o nosso objectivo de informar e formar as massas, as quais são as fontes indispensáveis para uma informação nova e não de elite.

Na Redacção reina um ambiente movimentado pelas saídas e entradas de repórteres, consultas de ideias aos jornalistas mais experimentados e a camaradagem entre os camaradas, caracterizada por um trabalho de equipe e de relações abertas, é rara em muitas repartições do país.

O peso das nossas actividades no jornal não era igual ao de agora. Eramos

poucos em número e menos experientes em coberturas de reuniões e de grandes acontecimentos, o que nos levava muitas noites sem sono (e continua a levar, embora em esquemas de serviço mais estruturados), além de cada período de aulas que temos por dia no Liceu.

Volvidos quatro anos de vida e de luta, com altos e baixos no funcionamento do «Nô Pintcha», o nosso povo pode orgulhar-se pelo trabalho realizado, com ajuda do Governo, pelos nossos trabalhadores, desde os ardinas aos mais destacados elementos que tornam possível a saída do trisemanário para a rua. Com o tempo, fomos capazes de enfrentar, em qualquer altura, as dificuldades, porque estamos conscientes de que aprender é difícil, mas realizar na prática o que se aprendeu é ainda mais difícil e, se não se penetra no covil do tigre — como escreveu Mao Tse Tung — não se lhe pode tirar as crias.

Muitos de nós aprendemos na prática a transformar em possível aquilo que para alguns parece impossível. Aprendemos com a nossa inexperiência e na experiência dos outros, porque aprender não é só nos bancos da escola e nos livros. Aprender é também saber vicer, lidar com os outros, saber aturá-los e ter força de resistir às suas provocações. Sem exagero claro...

PEDRO QUADÉ

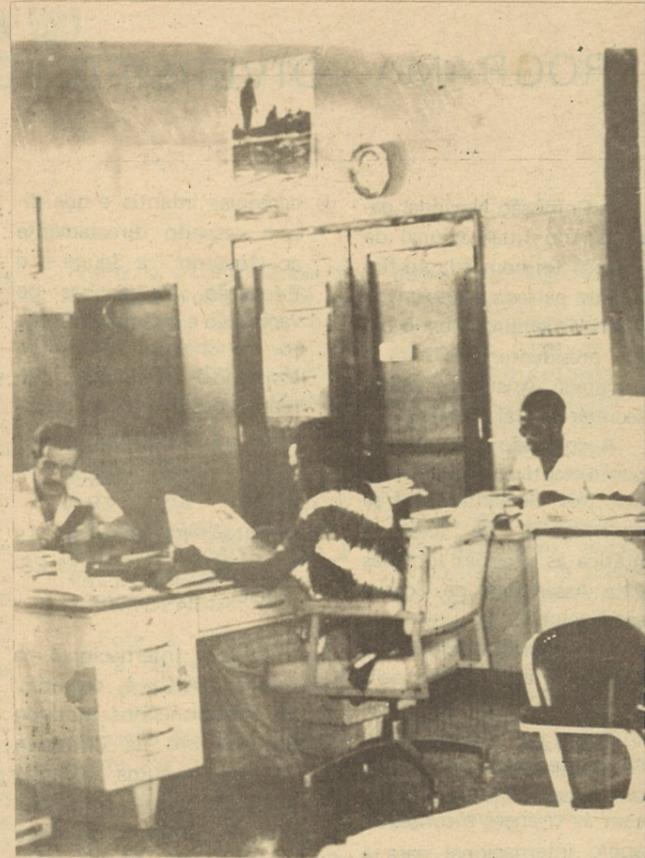
Ainda me lembro...

Ainda me lembro quando cheguei pela primeira vez. O edifício onde viria a ser a redacção do NÔ PINTCHA estava ainda completamente vazio. Era preciso mobilá-lo. Ainda me lembro que nós, os primeiros a cá chegar, tivemos que transportar secretárias, cadeiras, armários, ficheiros, todo o material que viria a ser preciso para «pôr o jornal na rua».

Ainda me lembro bem. Estávamos em Janeiro de 1975. Já lá vão quatro anos, mas essa recordação não consegue dissipar-se da minha memória. Iria fazer aquilo de que mais gostava, escrever para o meu povo. Era o meu primeiro dia de trabalho.

Ainda me lembro...

Eu, o Pedro e o Perdigão não tínhamos qualquer experiência de jornalismo, não tínhamos consciência daquilo que íamos fazer, porque nunca tínhamos entrado na redacção de um jornal e muito menos numa tipografia. Tudo isso nós confundia. A máquina de «linotype», a grande máquina impressora, os tipos, os títulos. Tudo para nós era uma coisa estranha.



## CHAMAM-ME JORNALISTA

Chamam-me jornalista... Em mim, põem o encargo de ser a boca, os olhos e os ouvidos do povo junto ao governo, e o canal de transmissão, agitação e divulgação no seio das gentes.

Encargo deveras pesado, que tenho que levar avante sem tugar nem mugir. Estou no centro da roda-viva que é a Reconstrução Nacional. Ausculto o povo, ouço o lavrador, o mecânico, o comerciante e o estudante, vejo as «bideiras» e os djilas, enfim, falo da lavoura, bebo vinho de palma, canto o kora, vou à pesca de canoa, como caju com todo o mundo.

Tenho muitas dificulda-

des, mas, mesmo a balho porque gos sempenho esta bem a gente é advogado, tractor dreiro (diz-se que ção...). Se foi vo sei. Sei — e de c que é nisto e em

que me cerca realizeo.

Falei-vos das des. Talvez se ria tenho-as: incom «portas na cara» tânica para explica cer e conversar.

É um respon nunca tem tempo merciante, um ca uma costureira que

Vejam só o tra

## BOÉ ANOS DEPOIS

— Quando, à noite, ouvíamos estes batuques, ninguém no quartel conseguia pergamar olho. Estávamos enjaulados por detrás do arame farpado, à espera que a comissão acabasse ou a terra nos comesse...

— Mas que mal tinha o batuque? Era sinal de festa, como agora.

— Era sinal de gente. E nós sabíamos que estávamos a mais...

A conversa começara horas antes, no helicóptero que nos levou a Boé, para acompanhar a visita de Eanes e Luís Cabral ao verso da nacionalidade guineense. Não sabíamos ainda que lá iríamos passar toda a noite.

Eramos aí uns dezoito, entre jornalistas e técnicos de som e imagens guineenses e portugueses. Entre eles, vinha um «velho» conhecido, uma cara que eu retivera não sei em que canto da memória. tinham passado nove anos desde que nos encontramos pela primeira vez, com um fardo demasiado grande e o cabelo demasiado curto.

A nossa vivência comum dessa altura foi breve. Soubemos que seríamos ambos mobilizados para combater na Guiné contra um povo em luta pela sua liberdade, e afinal também pela nossa

Julgo saber que ele vacilou quando, numa manhã asfíxica de Julho, apareceram no quartel algarvio umas dezenas de panfletos trabalhosamente batidos à máquina, à razão de cinco cópias a papel químico por cada «tiragem», que apelavam à resistência e à deserção.

Se não tivéssemos cometido, nessa noite, um erro — mas um dos muitos que tínhamos cometido e havíamos de cometer ainda — talvez eu não viesse a esquecer-me dele durante tantos anos (ou seria grande demais o seu apego à aldeia estremenha e a uma vida pequena que as fadas

e as armas vieram perturbar...?)

Assim, ele só soube que desertámos quando o oficial de segurança me foi procurar ao pelotão. Não sei se, nessa altura, se sentiu traído, abandonado, se compreendeu o risco que corríamos se ficassemos ou procurássemos ainda um novo contacto com ele.

No helicóptero, não mostrou conhecer-me. Eu sabia que já tinha visto aquela cara em qualquer lado, mas as caras, na nossa profissão, veem-se muitas vezes, em muitos lados. Se a noite

não nos tivesse surpreendido no topo daquela colina do Boé, não creio que ele se desse por achado. Continuaria a falar-me daquele tempo de vida que aqui inutilizou, do medo e da vergonha que o tornaram mais fechado, desconfiado, magoado também.

Era mais fácil falarmos das vezes em que nos encontramos nos dias quentes de Verão de 75, nas reuniões tumultuosas do sindicato, nos cordões de rua à volta do «República» e da Rádio Renascença, ou quando o rastilho aceso no «Século» ardia já com pequenas explosões. Vimo-nos em São Bento e em Belém, na Cova da Moura e no RAL 1, furámos ambos o recolher obrigatório das noites de Novembro.

Mas foi só naquele cabeço de Boé, com o som quente do batuque subindo manso e amigo até nós, e quando eu lhe retorqui com brusquidão desnecessária e injusta, que a responsabilidade da guerra não fora só colectiva ou abstracta — de um regime — mas também individual como a dele, que o vi abrir um sorriso triste — magoado? — para recordar: «Se me tivessem dito, eu ia comosco...»

( ) jornalista de «O SÉCULO», cooperante no «NÔ PINTCHA»

## AINDA ME LEMBRO...

Não tínhamos a consciência da responsabilidade que mais tarde viríamos a assumir perante o nosso Partido e Estado, perante o nosso povo nos mais remotos cantos da nossa terra.

Eramos muito jovens, ainda estudantes do liceu. Ainda me lembro da nossa timidez quando fomos recebidos pela primeira vez pelo camarada Comissário da Informação. Após uma longa conversa, disse-nos que eramos os pioneiros da Informação no nosso país. Que teríamos que travar um combate sem tréguas. Falou-nos no papel catalizador que cabe aos jornalistas no processo de desenvolvimento e da elevação do nível das nossas populações e, por fim, que teríamos que nos preparar para assumir este papel.

Esta conversa preocupou-nos. Tivemos medo. Pensávamos que nunca seríamos capazes de levar a nossa informação para a frente. Mas ainda me lembro. Tivemos que vencer muitas etapas. Uns dias foram melhores, outros piores, mas vamos vencendo consoante as nossas possibilidades e as nossas capaci-

dades. Hoje, po que os três par plenamente na f nosso jornal, pel mos dado o ma nós mesmos, pel tas noites já pass dormir.

Ainda me le grande festa no saída da primeir Eu e mais um pu camaradas trabalh se 24 horas para q 27 de Março pudessemos anu povo da Guiné realização de mai ma de combate.

Esses dias vão para trás. Logo di a importância fissão que naqu de Janeiro de 1 seguir. Logo com papel de um órgã jornal viria a ter como a Guiné-Biss do a manter vári luta contra a d estrangeira. Assim levar a bom termo a profissão que esc

Ainda me lemb Após a minha de Portugal, dep feito um estágio meses, quando retrospectiva do e do que sou ago

SUPLEMENTO SUPLEMENTO SUPLEMENTO SUPLEMENTO SUPLEM  
 PLEMENTO PLEMENTO PLEMENTO PLEMENTO PLEMENTO PLEME  
 MENTO MENTO MENTO MENTO MENTO MENTO MENTO ME  
 NTO NT  
 SUPLEMENTO SUPLEMENTO SUPLEMENTO SUPLEMENTO SUPLEM



# NO PINTCHA

## Universidade dos mutantes

### RECURSOS AUTÓCTONES EM QUESTÃO

A investigação e o aproveitamento planificado dos recursos autóctones surgem, agora, perspectivados no seio da chamada «Universidade dos Mutantes» ( ), implantada na vizinha República do Senegal e que se nos oferece em termos geradores da mais viva curiosidade. A «Universidade dos Mutantes» traduz, na sua interção, a proposta duma experiência original e que poderá concitar as atenções gerais em núcleos diferenciados da actividade cultural em todo o Mundo, particularmente no Continente Africano.

Continua na 4.ª pag.

Bastante claros são os objectivos desta iniciativa: «ajudar pessoas com tarefas de responsabilidade (em empresas, organismos sociais ou educativos, etc), a repensar as finalidades da cultura, considerada esta não como ornamento da vida duma «elite», mas como motor da orientação do desenvolvimento. O cultural precede e domina a economia, como a reflexão sobre os fins precede e domina a organização dos meios».



«Devemos lembrar que não chega produzir, ter a barriga cheia, fazer boa política e fazer a guerra. Se o homem, a mulher, um ser humano faz tudo isso, sem ele próprio avançar como ser inteligente, como primeiro sizer na natureza; sem ele próprio sentir que cada dia aumenta na sua cabeça os conhecimentos do meio, como do mundo em geral, quer dizer sem ele avançar no plano cultural, tudo aquilo que faz — produzir, fazer boa política, combater — não dá resultado nenhum». A. Cabral.

A dança da «tagara» — que a gravura documenta — tradicional da etnia fula, é uma verdadeira expressão cultural do nosso povo, ao mesmo tempo que põe em evidência a agilidade do «djidiu».



ver

MOMENTOS PRIMEIRO DE CONSTRUÇÃO

MUSEU AFRICANO DE GUANABACOA

— UM POETA DEFINITIVO

(CENTRAIS)

## EDITORIAL

A preparação e lançamento periódicos de um suplemento cultural deve, à partida, entender-se como um esforço no sentido de generalizar, entre as nossas populações, a disponibilidade para o conhecimento e o exercício daquilo que somos, da identidade que possuímos e das motivações que nos ligam e nos preocupam.

De um modo geral —isto no plano jornalístico e segundo os recursos ou limitações de ordem técnica e económica, ou ainda segundo as várias formas de conceber a elaboração das publicações regulares— os suplementos (culturais, económicos, desportivos, etc.), completam, na musculatura dos jornais, o seu modo ou a sua intenção de atingir e responder às preocupações dos leitores. E por terem a possibilidade de se constituir um hábito entre os hábitos e passatempos preferenciais de milhares ou milhões de pessoas, o suplemento de jornal adquire, como veículo, um poder de penetração que importa não desperdiçar e, ao mesmo tempo, manejar como elemento gerador de reflexão e aproximação sociais.

É este talvez o primeiro sinal de eficácia que desejaríamos ver confirmar-se ao longo da vida deste suplemento cultural—necessariamente sujeito, na sua tentativa de cobertura do espaço nacional e dos seus actos vitais,—aos tormentos da falta de equipamento adequado. O certo, todavia, é que julgamos poder lançar esta ideia, este propósito, partindo de um conjunto de recursos elementares que não assustam nem arrefecem os ânimos.

Propomo-nos conseguir um suplemento que em combate com as limitações fáceis de prever, vá gradualmente desenvolvendo a penetração do espaço cultural, pela oportunidade e variedade dos temas a abordar.

Como a cultura?

Por efeito, evidentemente, do seu peso moral—«a cultura em relação com a identidade e o desenvolvimento» (Mário de Andrade), confirmando e movimentando o homem no seu meio e apetrechando-o para o exercício do universal. O homem é tanto mais universal quanto mais forte nele se manifestar o nacional, uma «identidade cultural», uma profunda relação com

o elemento histórico. Sensíveis a tudo, estamos em permanente disposição de descobrir e conhecer. A aprendizagem que fazemos nos recintos da nossa cultura nacional, traz, de pronto, a exigência, a curiosidade da descoberta do universal, o ponto onde o homem encontra, se encontra com os outros homens, divulga a sua cultura e debate o ideológico e o social.

É esse viajar que atenua as resistências e as dificuldades do diálogo intercontinental e vai, lentamente, elucidando e ganhando mais homens para as causas nobres da sua condição.

Não há, pois, aqui, o «inconveniente» da variedade mas sim a «vantagem» da variedade, pela multiplicação de temas, de lugares, de factores de revelação e movimento. A «África em movimento», como é a África dos nossos dias, não se demite do contacto e da descoberta permanente dos meios de evolução da consciência e da vida dos povos; vive e assume, intensamente, o nacional; solidariza-se, pesquisa e projecta-se ao longo das margens continentais e para fora delas, confirmando a sua compleição genuína, a sua vitalidade e o seu carácter inalienável.





## COMUNICAÇÃO SOCIAL

### Televisão nos países subdesenvolvidos

«A criatividade humana deve esforçar-se para que a Radiodifusão e a Televisão, formidáveis instrumentos de civilização, de cultura, de educação, cumpram os objectivos que devem satisfazer. Isto é, que a par duma função criativa, sejam veículos autênticos de cultura e meios essenciais e acondicionantes, hoje em dia, do processo educativo dos povos».

CARLOS ANDRÉS PEREZ  
(antigo presidente da Venezuela)

Desenvolver algumas ideias sobre o papel importantíssimo que a TV irá desempenhar num futuro próximo, no Continente Africano, não nos parece prematuro. Porque a influência da Televisão em países subdesenvolvidos não poderá deixar de atingir todos os problemas (agudos) do atraso em que as populações se encontram. A Televisão, em último caso, facilitará a *subida* dos não alfabetizados, dos que ainda não lêem nem escrevem porque ninguém lhes facilitou ou assegurou o acesso à escola. (Uma Tele-Escola vigorosamente aplicada às «feridas» ainda gotejantes do obscurantismo em que os povos africanos, na sua esmagadora maioria, se encontram mergulhados, terá sempre papel de vanguarda na formação e educação desses milhões de cidadãos). A profundidade do campo de influência e animação, ou simplesmente o *alcance* real da Televisão é, de facto, impressionante, e mesmo em países desenvolvidos essa avaliação estará ainda por fazer.

A associação do som à imagem, portanto a simultaneidade ou combinação da fala e do visual, empresta à TV uma força irresistível nos domínios da comunicação. Ela, TV, tem o que a Rádio e o jornal escrito não podem certamente ter: a possibilidade de oferecer o acontecimento *ao vivo*, de proporcionar fisicamente a ocorrência, com toda a vibração, o *entusiasmo* do som e da imagem. Mas, atenção, isso, em termos de técnica informativa, de utilidade ou missão informativa, não torna menos importante a tarefa que compete ao jornal escrito ou à Rádio. Vejamos. Como se sabe, o tratamento jornalístico (por exemplo), de um conflito armado ou de um terramoto,

«põe condições» genéricas e *de tempo* aos três meios (Imprensa, Rádio e TV). A Televisão, pela força ou capacidade de *mostrar* que possui, «escolhe» ou selecciona as imagens e *dá, em relação ao tal acontecimento, o que lhe parece ser o mais interessante ou o fundamental. Mas ao jornal escrito, no dia seguinte (caso dos grandes matutinos), cabe a missão de desenvolver* mesmo acontecimento nos mais diferentes aspectos e perspectivas, ampliando para o leitor a narrativa (reportagem) ou o comentário. Por isso se dirá uma vez mais e com razão, que apesar de tudo, no domínio da informação pelo menos, a TV não matará nunca a imprensa ou a rádio; no caso da rádio será de salientar sempre a desenvoltura com que este meio de comunicação pode de facto saltar para a arena dos acontecimentos: tecnicamente, a rádio é, sem dúvida, maleável até ao ponto desejado, podendo *correr* para servir a notícia de pressa, sem necessidade dum *toilette* muito rotocada.

UMA TELEVISÃO MOTIVADA E MOTIVADORA

Sociedade há em que a TV confirma a opção da banalidade e do elitismo, situação intimamente ligada ao pulso do imperialismo, que lhe dá o tom a mascarada das televisões «bonitas». É o crime, é o romance de cordel, são os concursos medíocres, é a corrida ao fácil, é o banzé da publicidade sarapintada (desde a salsicha aos atacadores). É, enfim, a distorção dos verdadeiros problemas sociais.

Se a África, grande charco do subdesenvolvimento, descobriu e optou, também, pela TV, ainda bem. Ainda bem porque a Televisão é uma *força*, tem pernas para cobrir todas as distâncias na pista social da vida dos povos.

## Crónica

A estrada, de traçado irregular, um tanto esburacada, um táxi relativamente novo e cómodo e um motorista cauteloso, talvez irónico, são já clima de viagem. Viajar é, muitas vezes, aquilo que a imaginação vibra e descobre em nós próprios. Há um não sei quê de incerto e de fugidio na «emoção» de viajar. Há uma incerteza vaga a mexer connosco — e uma tendência para sermos generosos com tudo, na apreciação dos pormenores, no agrado fraternal que pomos em cada observação, olhando a pista de alcatrão maltratado, as nervuras da paisagem que não conhecíamos, as raras pessoas que transitam nas bermas, as árvores, a névoa. Viajar é, também, insistir na descoberta, penetrar até à raiz do sonho.

É este o meu viajar para Mansoa.

Em manhã fresca de um Março incerto, os quilómetros derretem-se sem novidade. Há manganassas baixinhas, duma verdura nascente, aos lados da estrada, triunfando sobre os dias secos, resistindo às queimadas. As manganassas vão comigo, por essa estrada irregular, como uma recordação ou um sinal abstracto dos seres que resistem, que lutam, que defendem o seu lugar na terra. Vejo aí Nhacra solitária e sem rumor e antes Safim, campesina, duma ruralidade de romance africano, caída de vultos humanos sem pressa, composta, ainda, de casas baixas, sem arreganho, extremamente típicas, muito íntimas, casas que havemos de amar sempre, porque cada fibra é um pouco deste meio, desta tradição, deste sangue, deste falar, deste sentir guineense. Sou um viajante, apenas um viajante? Ou estas impressões e estas emoções do caminho fazem de mim outro elemento e dão-me para desempenhar, aqui, nesta manhã de viagem, outro papel?

Mansoa, matinal, entre poilões, bom-dia.

Uma povoação africana, manhã cedo, é um pouco a narrativa dos seus costumes, é toda a pureza da sua intimidade, é a voz verdadeira do sentir das pessoas. As folhas dos poilões de Mansoa estão, às 10 horas, grávidas de luz. Já espreitamos as bolanhas do arroz, já admiramos a humana sonoridade do terreiro onde o povo passa e repassa, onde se compra, onde se ordena a vida, onde as crianças correm e os velhos meditam. Mansoa matinal é um quadro de sol e de gente, vozearia monótona, calmos dedos de conversa, um chão amare-



Anunciam-se em Portugal novas realizações no campo da actividade cinematográfica, sobretudo em relação a filmes já em fase de arran-

## PORTUGUÊS EM ACTIVIDADE

que ou que por falta de meios financeiros estavam com a respectiva rodagem interrompida.

Entre as películas agora anunciadas conta-se «O Úl-

timo Soldado», de Jorge Alves da Silva, que começará a ser rodado em Maio próximo. Entretanto, dentro de breves dias terá início a rodagem de «O Bobo».

da autoria de José Álvaro Morais. Também para breve os trabalhos de «Veihos São os Trapos», filme que assinalará a estreia de Monique Bairrão.

Continuação da 1.ª pag.

## UNIVERSIDADE DOS MUTANTES

concluir-se que «as finalidades do desenvolvimento não podem ser repensadas senão por um diálogo das culturas, interrogando as sabedorias da Ásia, África, da América Latina e do Islão, que permitiram conceber e viver outras relações entre o homem e a natureza, entre o homem e o homem, entre o homem e o sagrado».

Estágios de 90 dias

A «Universidade dos Mutantes» estabeleceu a organização de estágios com a duração de três meses, podendo os estagiários ser de todas as origens e de todas as idades (sintoma de uma vasta abertura). Quanto ao critério de escolha dos mesmos, incide «na prova que deram no decorrer da sua actividade anterior, da aptidão em questionar as suas rotinas e certezas e a sua participação activa, responsável, criadora, na colectividade a que pertencem». (Aconselhado o recrutamento dos estagiários entre os dirigentes ou quadros de empresas, administradores responsáveis pelo desenvolvimento, professores mais inovadores, animadores de movimentos de juventude e sobretudo responsáveis pela planificação). Uns e outros seriam portadores de um «dossier» pessoal incluindo as necessidades materiais e culturais do seu país, os seus recursos (não utilizados e que permitam responder a algumas das suas necessidades a partir de técnicas novas ou autóctones, a fim de reduzir continuamente a dependência e os desperdícios que arrastam transferências de tecnologias concebidas no exterior».

As concepções ou a doutrina que acompanham o lançamento desta ideia (a «Universidade dos Mutantes»), advertem-nos dos perigos de uma inconsiderada quantidade de cedências subordinadas à «cultura ocidental», importada e imposta pelo colonialismo, sejam quais forem os méritos da mesma. Perigos intimamente relacionados com «um modelo de crescimento cego, sem finalidade humana, definido por um aumento sem fim da produção e do consumo». De onde o poder

Programa

O programa elaborado para os estágios engloba três temas fundamentais: a iniciação aos legados das grandes culturas (diálogo das civilizações); a reflexão sobre as finalidades e os métodos dum desenvolvimento endógeno dos países africanos; e o estudo das formas da comunidade africana tradicional e da contribuição actual que pode dar na criação de empresas modernas que não são nem privadas, nem estatais, mas comunitárias.

Compreenderá, ainda, o mesmo programa, uma série de conferências, recitais, debates e exposições sobre a escultura, a música e a dança, a poesia africanas, e, de uma maneira geral, as artes, as religiões e a história da África.

Aí ficam, pois, as matérias, os mecanismos, os argumentos da «Universidade dos Mutantes», um safanão, talvez, no domínio das manifestações que tentam movimentar o tesouro dos recursos autóctones.

( ) Mutantes: elementos em mutação. Em mudança.

## JORNALISMO: UMA PROFISSÃO INGRATA

O jornalismo, é uma profissão, tal como a medicina e a agronomia. Mas, mais do que uma profissão, o jornalismo é uma nobre vocação, como o definiu a OIJ (Organização Internacional de Jornalistas). Apesar do seu destacado papel na luta pela paz e pelo bem-estar da humanidade, há quem diga que esta profissão é ingrata, e com razão. Os problemas sociais da profissão de jornalista preocupam, no mundo de hoje, milhares de trabalhadores dos diversos ramos da informação (Rádio, Imprensa, Televisão, agências noticiosas).

As perseguições movidas aos jornalistas progressistas pelos poderes reaccionários, que vão, por vezes, até ao assassinio; as situações de dependência económica dos

jornalistas dos grandes monopólios de informação nos países capitalistas são aspectos pouco aliciantes da profissão. Mas, por outro lado, alcançam-se progressos qualitativos no campo socialista e nos países recém-libertados do jugo estrangeiro e em vias de desenvolvimento, onde os militantes desta humana actividade têm quartel.

No nosso país, a semente do jornalismo foi lançada no terreno fértil das regiões libertadas, pelo nosso Partido, durante a luta armada de libertação nacional contra o colonialismo português. E um jornalista, nesses tempos difíceis, não era um profissional de informação. Ele trabalhava dia e noite, sem esperar por qualquer remuneração. E sabia que podia continuar a desenvolver o mesmo trabalho, nas mesmas condições, du-

rante mais 10 ou 30 anos, e estava determinado a fazê-lo.

Dessas fileiras, podemos destacar nomes como José Araújo, António Buscardini, Amélia Araújo, Joaquim Landim e outros, dos quais, após a independência, os seus percursos herdaram uma rara fortuna. Não se trata de fortuna de bens materiais ou em documentos escritos. Mas sim de amor com que se entregaram a esse trabalho, o seu exemplo de coragem perante situações de perigo inerentes às condições de trabalho em que operavam, e a fidelidade com que cumpriram os princípios que norteavam as suas mais nobres aspirações, de servir a causa da revolução e, conseqüentemente, servir os verdadeiros interesses do povo.

Com a libertação completa da nossa terra, o jorna-

lismo do tempo da luta armada deu lugar, logicamente, a um novo tipo de jornalismo, o qual ainda está numa fase embrionária. Esse novo jornalismo é caracterizado por um salário fixo no quadro do funcionalismo estatal, por novas condições materiais de trabalho, com acesso a todos os sectores da nossa vida social, política, económica e cultural. Mas também ele se debate com problemas de diversa ordem, inerentes ao estado de um país jovem, recém-independente, sub-desenvolvido e economicamente atrasado.

O jornalismo guineense nasceu já engajado nas realidades concretas da nossa terra, sob uma consciência nacional madura do povo, perante a necessidade crescente de se conduzir uma luta longa e generalizada, sob a direcção esclarecida

do nosso Partido de vanguarda, o PAIGC.

O colonialismo, na Guiné, nunca confiou o desempenho da profissão de jornalista a filhos desta terra. A informação colonial estava sob controlo férreo da polícia fascista do Estado colonial, a Pide-DGS. Por isso que, depois da independência, aliás como em todos os domínios técnicos e científicos, no jornalismo também começámos a organizar e a construir a partir do nada. Então, sob a direcção clarividente dos nossos dirigentes, a nossa Informação vai tomando forma. Vai avançando segura, embora lentamente, adaptando-se a realidades muito particulares da vida do nosso povo, num país politicamente livre e soberano.

FERNANDO PERDIGÃO

## A RAZÃO DO QUERER SER

eu não tenho. Ainda por cima me chamam de privilegiado! Em quê? Talvez no querer «viver a minha época e pagar a dívida para com o meu povo» (palavras de Amílcar Cabral). O meu trabalho, ainda por cima, não me dá o luxo de optar entre o rico ou o pobre, o trabalhador e o estudante, estreitar mãos bem cuidadas ou caleçadas, frequentar quem anda a pé ou de carro, escolher entre dirigente ou lavrador.

É... ser jornalista exige isso. E mais: ter precisamente a certeza de que o que fazemos não é em vão.

JOÃO FERNANDES

Foi na exaltação daquele instante perdido na complexidade e multiplicidade do querer ser jornalista — a minha apaixonada ambição — que um dia abracei esta profissão amiga.

Não me recordo desse dia. Lembro-me apenas daquele nascer do sol cujos raios suavemente me despertaram do sono. Tomado num sobressalto decidi ir à redacção do «Nô Pintcha», inscrever-me num concurso que se tinha aberto.

Enquanto palmilhava a distância que me separava do local, arrastava comigo pensamentos que namoravam a ideia de ser... aprender... tudo menos a noção concreta de que era propriamente a profissão de jornalista.

Um sorriso recebeu-me à porta da redacção: era o Péguas que me oferecia a sua habitual hospitalidade. Já nos conhecíamos. Uma troca de palavras. Depois registaram o meu nome. Lembro-me de que ainda pedi uns esclarecimentos.

O concurso, o primeiro dia no jornal, a minha primeira prosa, foi tudo um pisar de novos caminhos na minha vida. Já decidira experimentar o meu desejo de querer ser. A animação durante o meu primeiro dia na redacção. Alguns perguntavam, e entre os candidatos reinava a curiosidade do que seria a nossa primeira prova.

Entre lacunas e recordações, lembro-me ainda daquele meu olhar perscrutador, procurando em vão desvendar tudo o que se passava à minha volta: a feitura da maquete, e telex... A minha curiosidade seria ainda maior quando visitei a tipografia. Enfim é difícil falar de tudo, reviver todo aquele momento novo.

O tempo foi-se gastando, e retive alguns ensinamentos. Essas novidades foram-se dissolvendo no calor quotidiano, nas aflições de redigir uma notícia ou escrever uma prosa e na cama-

radagem fraterna que encontrei entre os «veteranos». O fazer e refazer aliado ao tempo e à vontade foi a peça que moldou a minha consciência prematura perante a complexidade dos factos. Foi na dureza do dia-a-dia que encontrei a inspiração, a experiência, a maturidade e a força de continuar.

Recordo hoje tantas que foram as hesitações! E as atrapalhadas... O álbum desse passado é tão volumoso que não consigo esgotá-lo. Eu sabia que um dia teria de contar este episódio. A minha pena registaria

aquele instante perdido.

A saudade daqueles primeiros passos, vinca-se ainda mais quando sinto o passado breve de tantos ensinamentos que foram enriquecendo a minha experiência.

Do jornalismo fui gostando e centrei a minha atenção, após estes anos de labutar, na essência da profissão. Só sei que neste momento é decisivo continuar porque já provei a sua doçura e apalpei a sua estética.

Reúno forças para me-lhor do que ontem poder contar ao meu povo as

«novas» do dia-a-dia nacional e as ideias-força da reconstrução, para lutar pela informação ao serviço do povo, para que ela esteja presente e incentive as populações, quer na altura da lavoura quer na ocasião da colheita, animada de ricas canções.

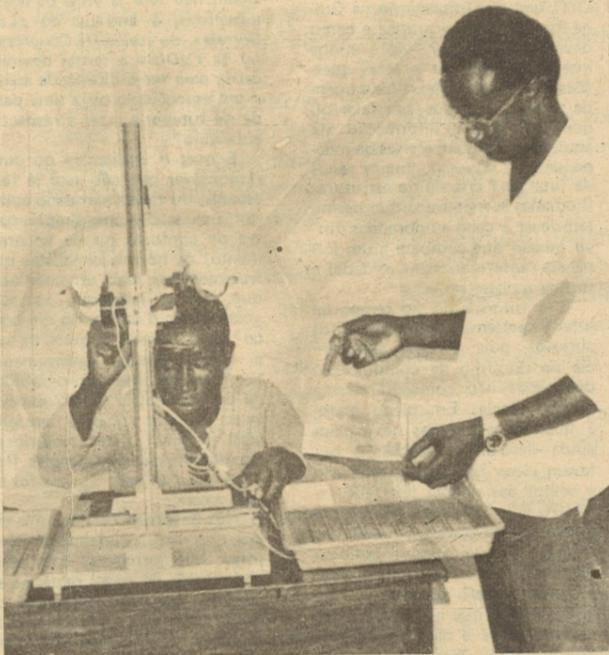
O triste passado colonial afunda-se com a sua improvisada história feita para mistificar e longe vai o tempo em que o espaço nacional era preenchido com uma ideologia alheia à nossa realidade social. O ópio da ideologia colonial deu lugar a uma informação

nova para a formação do homem novo.

Foi na exaltação daquele instante perdido que eu vislumbrei a riqueza da informação nova. Não foi só porque senti a brisa do momento novo na multiplicidade do querer ser, também busquei inspiração e encontrei nas ricas tradições do combate libertador a razão do querer ser jornalista.

RAIMUNDO PEREIRA

## OS HOMENS DA LANTERNA MÁGICA



A Fotografia desempenha um papel muito importante num Jornal. Além de ilustrar e tornar mais vivas as notícias a que se refere, aligeira a página, fazendo-a mais atraente para os leitores.

Fazer fotografia é uma arte apaixonante em que intervem o estilo do próprio artista, o conhecimento cada vez mais profundo da técnica fotográfica, que lhe permite registar as imagens

mais significativas dum acontecimento. A fotografia é uma arte que toda a gente gosta de conhecer. As vezes, nem é preciso conhecermos muita técnica para termos uma máquina fotográfica e registar com ela os momentos mais alegres da nossa vida. Há tipos de máquina que até uma criança pode manejar.

Para demonstrar ainda a grande importância que uma máquina fotográfica

tem para a informação, posso dizer que mesmo a máquina de filmar, a máquina de gravura, e o aparelho de telefoto, nasceram da máquina de fotografar.

Devido ao seu grande valor, a fotografia desempenha à muito tempo, um grande papel na invenção e formação do homem. A fotografia intervém em todos os sectores da nossa vida, porque guarda imagens dos acontecimentos, auxilia as pessoas nos estudos dos diversos ramos da técnica e, desde que começou a existir a imprensa, os profissionais da fotografia passaram a ter grande responsabilidades na ilustração de revistas e livros.

Por isso mesmo, os fotógrafos do Jornal, têm grande responsabilidade na cobertura dos acontecimentos desta terra, como aconteceu na luta armada de libertação, e agora na luta de reconstrução nacional. Mas é preciso valorizarmos ainda mais o trabalho dos nossos fotógrafos criar-lhes as condições indispensáveis para desempenharem as suas tarefas.

Ninguém acredita que um fotógrafo do «Nô Pintcha» possa a fazer boas fotografias para o jornal se não tem uma boa máquina e um laboratório equipado com bons materiais fotográficos. É verdade que chegamos a ficar várias vezes parados sem fazer nada, por falta de filmes, papel de reprodução, produtos químicos, máquinas fotográficas, etc. Mas este problema terá que ser solucionado, porque sabemos que o nosso jornal perde grande parte do seu valor quando sai sem fotografias actuais.

A fotografia num jornal é a primeira coisa a chamar a atenção dos seus leitores.

E na nossa terra, onde há muitos analfabetos, devíamos pôr muitas fotografias no jornal para chamar a atenção das pessoas que não sabem ler a interessar-se pelo tema fotografado, de modo a levá-la a pedir a alguém que lhes explique o conteúdo da notícia ilustrado.

Casimiro Cá

## Conclusões do I encontro dos ministros da Justiça dos países africanos de expressão portuguesa (2)

Proseguimos neste número a publicação do documento aprovado no I Encontro dos Ministros da Justiça dos países africanos de expressão portuguesa, que iniciáramos na nossa edição anterior.

Pondo em prática esse princípio, todos os Estados participantes adoptaram, ou estão em vias de o fazer, medidas adequadas à restrição ou abolição da advocacia e solicitadoria privadas e à criação, em moldes novos, de um serviço de assistência jurídica ao alcance das massas populares.

### A COMPREENSÃO DAS LEIS PELO POVO

Reconhece-se que uma das importantes tarefas que o processo em curso nos países participantes, exige para a criação de um Direito revolucionário, dirigido para a construção de uma sociedade nova, é a compreensão das leis pelo povo, sujeito da própria lei.

Nesse sentido recomendam-se:

a) A participação activa e efectiva das massas populares na elaboração das leis deve ser um objectivo a perseguir, para que elas possam representar as legítimas aspirações do povo trabalhador.

Para isso, os projectos de leis, designadamente as de maior incidência na vida do povo e nas questões fundamentais do Estado, devem ser previamente discutidos pelas massas populares, através das estruturas de base do Partido, organismos do Estado e Sociais, Empresas, etc.

b) As leis devem assumir formas novas, por meio de uma linguagem clara e simples de modo a torná-las acessíveis à compreensão das grandes massas, sem prejuízo do necessário rigor técnico.

c) As leis devem ser amplamente divulgadas através de todos os meios de comunicação social, reuniões populares, palestras, etc., para que o povo, ao tomar conhecimento delas, as possa respeitar e cumprir.

Reconhece-se ainda ser de grande importância para a celeridade e eficácia dum justiça nova, a transformação, embora gradual e prudente, como aliás já vem sendo feito, do formalismo processual, bem como de toda a organização e funcionamento do aparelho judiciário.

### O COMBATE À CRIMINALIDADE

Atendendo que a delinquência constitui um dos aspectos constituintes de uma sociedade, cada um dos Estados têm desenvolvido um firme combate que assenta nos seguintes princípios fundamentais:

a) No domínio da prevenção criminal

A prevenção da prática de comportamentos anti-sociais é tarefa das massas populares organizadas e apoiadas pelas instituições e organismos do aparelho do Estado que zelam pela segurança e pela ordem interna;

Liquidar a criminalidade significa eliminar as causas

principais que geram a delinquência, nomeadamente o desemprego que caracterizou o modo de produção capitalista, fundado na exploração do homem pelo homem, o analfabetismo e o obscurantismo.

A prevenção da criminalidade exige a elevação da consciência política e jurídica das massas e o conhecimento das leis acompanhados de uma perfeita adequação de ordem jurídica às realidades sociais, políticas e económicas dos respectivos Estados.

b) No domínio da repressão da criminalidade

O combate contra a delinquência tem por finalidade a salvaguarda da segurança da vida social.

A restrição da liberdade dos delinquentes fundamenta-se principalmente na necessidade de realizar os objectivos de reeducação e reintegração dos infractores na sociedade.

Quanto às formas mais graves e odiosas de criminalidade, nomeadamente os crimes que atentam contra a segurança do Estado, constatou-se a necessidade da sua severa repressão.

c) No domínio da reintegração social dos delinquentes

A reabilitação dos delinquentes na sua plena reintegração são tarefas da sociedade e constituem preocupação importante de cada um dos Estados.

O princípio da reeducação dos delinquentes concretiza-se pela combinação do trabalho produtivo socialmente útil com e educação política — ideológica, científica, cultural, e a capacitação profissional dos mesmos.

O princípio da reeducação exige a criação de centros adequados e a implantação de um novo sistema de execução das penas.

A restrição da liberdade deve ser complementada por medidas que possibilitem o acompanhamento da vida social, de modo a permitir aos delinquentes participar na evolução da mesma.

Da análise das experiências de cada um dos Países no que respeita ao sistema de execução das penas restritivas de liberdade, ressalta que o funcionamento dos novos centros obedece aos princípios enunciados, considerando-se os resultados obtidos como satisfatórios.

### O DIREITO ESCRITO, O DIREITO COSTUMEIRO E A FORMAÇÃO DE UM NOVO DIREITO

As Delegações deram a conhecer as experiências dos seus Países neste domínio.

Concluiu-se pela necessidade de proceder à recolha e tratamento científico das diversas práticas tradicionais, usos e costumes da realidade social de cada um dos Países. Essa recolha, de que um dos instrumentos importantes serão os Tribunais Populares de Base,

permitirá não só um conhecimento mais profundo da sociedade, como ainda poderá constituir uma fonte de inspiração na formação de um novo direito, sempre que os usos e costumes reconhecidos sejam factores da unidade nacional e do progresso económico e social.

No entanto a rejeição e o combate aos usos e costumes que se revelam desajustados aos princípios políticos orientadores da sociedade nova que se pretende construir não deverá ser feita utilizando métodos meramente administrativos, mas recorrendo à mobilização e elevação da consciência política das massas, simultaneamente com a transformação das condições económicas e sociais.

### ASPECTOS PRÁTICOS DOS REGISTOS NOTARIADOS, IDENTIFICAÇÃO E EXECUÇÃO DOS ACTOS JUDICIAIS

«A Informação tem por objectivo formar o nosso povo, e é um dos instrumentos do Partido para a sua formação política. É um instrumento do Governo para informar o povo sobre tudo quanto se está a passar diariamente na nossa terra», esta definição do que é a Informação e qual o seu papel na nossa sociedade foi trazida a lume pelo camarada Presidente Luís Cabral no discurso proferido em Maio último, aquando da reunião do CSL do Partido. Com isso, seria retomada uma questão já diversas vezes levantada, mas que continua ainda ignorada por muita gente.

O que é a Informação na Guiné-Bissau, quem a pratica e como deve ser praticada? Não é minha intenção responder a estas questões, pois prefiro deixá-las a quem de direito. Pretendo sim falar do que tem sido a informação até aqui, após os quatro anos de independência. Quatro longos anos de luta pela criação de estruturas (humanas e materiais) que permitam levar a cabo a nobre mas difícil missão que compete a um jornalista: informar (com verdade) e formar o nosso povo.

E a Informação no tempo da luta? - podem perguntar muitos curiosos, pois a nossa experiência no domínio da comunicação de massas não começou com a independência. Em pleno mato, e quando as bombas de napalm ainda destruíam tabancas e ceifavam vidas às crianças, mulheres e velhos das regiões libertadas, o PAIGC já informava o povo sobre a luta que se travava em todas as frentes. Mas informava também sobre a luta dos outros povos contra a dominação estrangeira e da solidariedade que nos chegava dos países amigos e das organizações internacionais. Também vou omitir esta parte, deixando-a aos mais experimentados e temperados no fragor da luta de libertação nacional.

Afinal, de que é que eu vou falar? Do jornalismo e dos jornalistas da Guiné-Bissau? Talvez, embora se trata de uma tarefa difícil, senão desnecessária. Difícil porque se trata de uma sempre em germinação cujas características se tornam difíceis de descrever, mesmo para os mais experimentados no assunto. Porque a informação ainda não foi reconhecido o devido lugar que por força das circunstâncias, ocupa na nova sociedade que estamos em vias de construir neste jovem país.

A partir da descrição das experiências concretas vividas em diferentes Países, constata-se a necessidade de simplificar os sistemas dos registos, notariado e identificação, de modo a que, sem perda da necessária segurança jurídica, os mesmos seja desburocratizados e sirvam eficazmente os interesses de toda a população.

As deficiências herdadas do tempo colonial e o regresso aos respectivos Países de milhares de compatriotas que se encontram refugiados, exilados ou simplesmente residentes no estrangeiro, exigiram e continuam a exigir um enorme esforço no sentido de se proceder à identificação e registo de toda a população.

Dada a existência de cidadãos nacionais de cada um dos Países nos territórios dos outros e as relações entre as ordens jurídicas daí emergentes, reco-

neceu-se a conveniência de os respectivos governos estabelecerem acordos bilaterais que regulem as situações concretas existentes no domínio dos registos, no notariado e da execução de actos judiciais.

### PROBLEMAS DERIVADOS DA VIGÊNCIA TRANSITÓRIA DA LEGISLAÇÃO ANTERIOR À PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

Face à impossibilidade de, a curto prazo, substituir completamente toda a legislação anterior à proclamação da Independência, existe nas ordens jurídicas dos Países participantes, norma prevê a vigência transitória da referida legislação, no que não for incompatível com os princípios e objectivos fundamentais das novas sociedades em formação.

No decurso do Encontro, as delegações analisaram alguns problemas decorrentes

dessa circunstância e, nomeadamente, a forma de garantir na prática a compatibilização entre as velhas normas e o processo revolucionário em curso nos novos Países.

Constatou-se que, na resolução das questões suscitadas, os Países participantes têm adoptado soluções específicas, todas visando garantir a prevalência dos seus princípios e objectivos fundamentais sobre as velhas leis.

Todavia, dada a complexidade do problema e suas implicações, as delegações presentes acordaram em considerá-lo ponto de reflexão para futuras trocas de experiências.

## O QUE SOMOS E O QUE QUEREMOS SER

Desnecessário? Talvez, porque quem não conhece os jovens jornalistas, ou melhor, «os rapazes do jornal» (quem diz jornal diz rádio), como pejorativamente nos chamam, que todos os dias circulam nas ruas da cidade, nos bairros ou frequentam os lugares públicos? Quem não terá já dado boleia aos jornalistas que muitas vezes se colocam de plantão na berma das estradas, sobretudo do aeroporto, à espera que passe uma «alma boa» que lhes dê boleia porque se lhes acabou a gasolina na viatura ou ainda porque esta tem uma avaria e não consegue aguentar a marcha? Quem não terá já visto os nossos jornalistas, à entrada do «Lino Correia», do «salão III Congresso» ou da «UDIB» a tentar desenrascar-se para ter o direito de assistir a um espectáculo ou a uma partida de futebol e fazer a respectiva cobertura?

E qual o «director» ou outro responsável que não terá já feito esperar, ou talvez mandado embora (às vezes sem uma simples palavra de conforto ou de encorajamento) os nossos jornalistas que, frustrado por mais uma tentativa que falhou, regressam vazios à «casa» com o canhenho em branco? E o simples homem da rua, a quem estamos determinados, por força da nossa responsabilidade profissional, a servir? Quantas vezes não nos atiram à cara palavras muitas vezes injuriosas? Quantas vezes esta simples frase «nha boca cá está lá» nos foi atirada à cara?

Nós os jornalistas da Guiné-Bissau, queremos, primeiro, ser jornalistas. Mas jornalistas com plena consciência do nosso papel na sociedade, com uma formação política, ideológica e cultural capaz e sobretudo, jornalistas com consciência de verdadeiros militantes da causa daquele a quem juramos servir — o POVO. Mas militantes que saibam criticar e aceitar críticas, autocriticando-se. Jornalistas que vão às tabancas, que penetrem no seio do povo, que comem com ele da mesma cabaça e bebam do mesmo poço. Jornalistas que compreendam as suas dores e necessidades, que compartilhem com ele as suas alegrias, pois ali também existem momentos alegres e essa alegria é saudável, é contagiante, é cínica.

Não queremos é continuar a ser «os rapazes do jornal». Pretendemos ser considerados e tratados como profissionais de uma profissão que, apesar de todas as limitações que nos são impostas, ousa-

mos abraçar e temos vindo a exercer. Que nos desçam do pedestal em que porventura nos colocam, que não nos dirijam palavras bonitas, sorrisos lindos, mas que nos reconheçam os direitos de sermos jornalistas com a possibilidade de intervenção no processo de desenvolvimento em curso no país. Isso, porque, como aliás foi várias vezes afirmado, um jornalista pode contribuir grandemente na elevação da consciência das populações do seu país e pode influenciar a opinião pública acerca de

um determinado assunto. Mas nós, os jornalistas da Guiné-Bissau, só conseguiremos isso quando ganharmos a consciência profissional e quando deixarmos de encarar a Informação como um arma de promoção pessoal, mas sim social. Quando compreendermos que, em vez de nos servirmos da informação, devemos antes servir a informação. Enfim, quando aprendermos a não ter mais medo às palavras

BALTASAR BEBIAN

## Cooperação Guiné-Bissau Checoslováquia

Continuação da pág. 2

co, e de estreitar as relações de amizade com base nos princípios de plena igualdade de direitos, do respeito pela independência e soberania nacionais, da não ingerência nos assuntos internos e no espírito de vantagem mútua.

As duas partes farão, segundo aquele Tratado, todos os esforços para desenvolver a cooperação nos domínios da Indústria, Transportes e outros domínios de interesse mútuo, utilizando formas reciprocamente vantajosas.

Tal cooperação abrange o envio de técnicos como consultores e especialistas em questões referentes à ciência e à tecnologia, organização de seminários, cursos práticos e teóricos, incluindo estágios de aperfeiçoamento profissional dos cidadãos de

um e de outro país, bem como as outras formas de cooperação técnico-científica acordadas posteriormente.

Por outro lado, o acordo salienta o compromisso dos dois países em conceder mutuamente aos seus cidadãos a protecção jurídica e, na medida das suas possibilidades, todo o apoio necessário ao cumprimento das tarefas que devem realizar no seu território, no âmbito deste acordo.

O tratado que entra em vigor no dia da troca de notas que comprovem a sua aprovação conforma às leis vigentes em cada país — é válido por um período de dois anos, e a sua validade será automaticamente prorrogada por períodos consecutivos de um ano, até que uma das partes o denuncie.

## A África e o mundo

### Egípto — Israel: uma paz que o mundo árabe não quer

O Egípto e Israel deviam assinar ontem um tratado de paz. Contestado, como a própria existência do Estado Sionista, e condenado pelos países árabes, como a atitude do presidente egípcio, Anwar El Sadate em assinar tal acordo, o tratado é visto como não conducente a nenhuma alternativa para a resolução global do problema do Próximo Oriente.

Tal acordo não leva, no entanto, em conta o problema-chave a ser resolvido no Próximo-Oriente: a existência e a causa palestina. Daí que os países árabes condenem a manobra em curso, acusando sobretudo Sadate de capitulacionista, Begin de expansionista e Carter de realizar uma política divisionista na região.

Condenando ou não, a nação árabe terá que passar ao campo prático. Logo após a assinatura do tratado haverá um encontro árabe em Bagdad. A notícia foi revelada pelo quotidiano «Al Jazira». Já hoje, na capital iraquiana, deverá ser inaugurada uma reunião de ministros árabes dos Negócios Estrangeiros e das Finanças, para decidir das sanções que serão aplicadas ao Egípto. Outra das decisões práticas é a transferência da sede da Liga Árabe do Cairo para Tunis.

Por outro lado, e para além das discordâncias expressas pelos dirigentes árabes face à assinatura deste tratado, procura-se reforçar os laços de emparceiramento para fazer frente a uma possível crise posterior.

Andrei Gromyko, ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, regressou ontem a Moscovo depois de uma visita relâmpago a Damasco, — onde teve conversações com o presidente Assad, enquanto se anuncia uma viagem, para breve, de

Yasser Arafat a Moscovo. A visita de Gromyko à Síria está ligada — consideram os observadores políticos locais — a um engajamento soviético mais dinâmico no Próximo-Oriente, e talvez a novas vendas de armas à «Frente de Resistência Árabe».

A missão de Gromyko regista-se no momento em que os países árabes ditos «moderados», tais como a Arábia Saudita e a Jordânia, conhecidos pela sua amizade de longa data com Washington, sofrem uma pressão intensa dos Estados-Unidos para aprovarem, pelo menos tacitamente, o tratado de paz egípcio-israelita.

#### E O POVO PALESTINIANO?

Qual será o destino do povo palestino? A OLP rejeitou, desde já, o plano de autonomia previsto pelos acordos, assegurando que ele não reconhecia nada os direitos nacionais do povo palestino à autodeterminação, incluindo a formação de um Estado. A população dos territórios ocupados, Cisjordânia e Gaza, recusa-se, ela própria, a participar nas negociações programadas por Carter, para depois da conclusão do tratado israelo-egípcio. Está prevista para hoje uma greve geral na Cisjordânia e na banda de Gaza, enquanto prosseguem as manifesta-

ções anti-tratado. Além disso, uma vaga de violência explodiu no Próximo-Oriente: em Damasco, um atentado teve por alvo a embaixada dos Estados-Unidos, no domingo. Em Teerão, depois da denúncia do tratado pelo ayatolla Khomeiny, como «uma traição ao islão, aos muçulmanos e aos países árabes», a embaixada do Egípto foi ocupada ontem de manhã por um grupo de estudantes, na sua maioria palestinos. Na véspera, várias dezenas de milhares de pessoas desfilaram frente à embaixada.

Carter, na véspera da assinatura do tratado, afirmou estar pronto a discutir com a OLP, se esta aceitar a resolução 242 do Conselho de Segurança (que só refere os palestinos na rúbrica dos refugiados) e que reconhece a existência de Israel. Tais condições são inaceitáveis para os palestinos.

Após ter sublinhado que a OLP «não encarregou nenhuma parte árabe ou palestina para falar em seu nome», Farouk Kaddoumi, dirigente daquela organização, prosseguiu: «Todos os palestinos no interior e no exterior da Palestina apoiam a OLP como seu único representante e recusam que alguma outra parte os represente». Kaddoumi acusou os Estados Unidos de «se opôr aos direitos palestinos ao admitir a ocupação dos territórios árabes e palestinos no quadro do projecto de autonomia». «Mas, acrescentou, isso não conduzirá nem à paz nem a nenhuma solução global, mas a tensões e incidentes na região».

## Sahara Ocidental perspectivas de resolução do conflito

A remodelação governamental na Mauritânia, que reforçou os poderes do presidente Mustafa Ould Saleck, e a queda do governo de Ahmed Osman no Marrocos, foram as notas mais salientes da vida política no noroeste de África na semana passada, e poderão ter, a curto prazo, consequências importantes na evolução do conflito do Sahara Ocidental.

Investindo de todos os poderes para «fazer face às situações excepcionais», o coronel Ould Saleck reafirmou a sua intenção de «retirar definitivamente a Mauritânia da guerra». Na quarta-feira passada, o chefe de Estado mauritaniano eliminou do seu gabinete três ministros favoráveis à negociação com a Frente Polisário e um quarto favorável ao Marrocos.

«A remodelação ministerial de 21 de Março signfica a vontade de criar uma equipe coerente, disciplinada e capaz de resolver os problemas que se colocam ao país», declarou o novo ministro mauritaniano do Interior, Thiam El-Hadj.

O ministro acrescentou que «não renunciamos a nenhuma das nossas opções. sempre manifestamos a vontade de manter-nos a igual distância de uns e de outros, e de ter as melhores relações de cooperação com todos os nossos vizinhos».

Foi também anunciada na Mauritânia a criação de um «Conselho Nacional Consultivo», destinado a associar o povo às grandes orientações do regime.

No que se refere ao Marrocos, certos rumores dizem que Me Maati Bouabid, o novo primeiro-ministro marroquino, pretende formar um governo de coligação nacional, susceptível, por um lado, de fazer face à crise económica que atravessa actualmente o país, e de consolidar, por outro lado, a frente interna face à actual escalada da tensão do noroeste de África.

Bouabid é um dissidente da UNFP (esquerda-progressista), que o suspendera no próprio dia da sua nomeação para o cargo de ministro da Justiça do governo de Osman. A UNFP boicotará as últimas eleições comunais e legislativas de 1976-1977.

Pronunciando-se sobre a demissão de Ahmed Osman, a Frente Polisário declarou esperar que «a queda do governo marroquino anuncie a revisão da política expansionista e belicista que o Marrocos tem conduzido até agora».

Num comunicado publicado em Madrid, a Polisário acusou o Marrocos de se ter mostrado intransigente durante três anos, de ter ignorado a dinâmica de paz e de ter desencadeado a guerra contra o povo saharauí.

«Estamos absolutamente convencidos de que todo o governo marroquino que não travar negociações com a República Árabe Saharaui Democrática não representará mais que um estado-maior de guerra generalizada», concluiu a Frente Polisário. (FP)

## REUNIÃO ZAIRE-ANGOLA

KINSHASA— A primeira reunião da comissão mista zaire-angolana consagrada aos problemas da conservação e regulamento do canal marítimo do rio Zaire teve lugar em Kinshasa. «A realização desta primeira reunião prova a vontade e os esforços feitos pelos presidentes Neto e Mobutu para reforçar a cooperação entre Angola e o Zaire» — declarou o chefe da delegação angolana, Cristóvão Domingos Francisco, director nacional dos Transportes Marítimos. (FP)

## CONFLITO UGANDA-TANZÂNIA

DAR ES SALAM— Nenhum palestino combate ao lado das tropas de Idi Amin no actual conflito que opõe este presidente aos opositores do seu regime, afirmou na quinta-feira na capital tanzaniana um responsável da OLP, El Herfi Salmane. Salmane indicou que os especialistas palestinos no Uganda só realizam actividades no sector civil. (FP)

## FÁBRICA DE AÇO NA NIGÉRIA

ALADJA— O chefe de Estado nigeriano, general Olusegun Obasanjo, colocou a primeira pedra de uma fábrica de aço em Aladja (Estado de Bendel), cuja produção deve começar em 1981. Este complexo, que é construído por sociedades da RFA e da Austria e financiado por bancos destes países, deverá produzir um milhão de toneladas de aço por ano. (FP)

## AGRICULTURA NA LÍBIA

TRIPOLI— Mais dois mil hectares de terra estão a ser cultivados no Sahara, no sul da Líbia. Com o apoio do Estado, criou-se na região de Fezzan uma importante exploração agrícola irrigada. 60 poços artesanais darão água às poderosas instalações que poderão irrigar 24 mil hectares de terreno. (Tass)

## CUBA LIBERTA PRESOS

HAVANA 23— Um grupo de 400 prisioneiros, condenados por actividades contra a segurança do Estado, foram agraciados pelo governo cubano. Este grupo constitui o segundo contingente libertado desde Dezembro último. A libertação deste novo grupo inscreve-se no quadro do programa anunciado pelo presidente Fidel Castro, sobre a libertação de três mil prisioneiros condenados por actividades contra-revolucionárias. (PL)

## URÂNIO NO MÉXICO

MÉXICO 24— O México pode tornar-se o maior fornecedor de urânio do mundo se alguns problemas de exploração forem solucionados. Segundo cifras oficiais, o México tem 5 mil toneladas de reservas reais de urânio, 55 mil toneladas de reservas prováveis e cerca de 11 mil toneladas de reservas potenciais. (FP)

## Ghana

### Eleições presidências em Junho

ACCRA — Eleições para a presidência e para o primeiro governo civil do Ghana desde o derrube de Kwame N'Krumah, em 1966, pelos generais, terão lugar a 18 de Junho.

Duas principais formações políticas, socialistas e liberais, defrontar-se-ão nas eleições.

Imoru Igala, presidente e líder do Partido Nacional Popular, formação socialista e a mais forte do Ghana, nomeado candidato à presidência. Igala é considerado como um dos próximos colaboradores do primeiro presidente do Ghana, Kwame N'Krumah, em cujo governo ocupou sucessivamente, os postos de ministro da Indústria, da Informação e dos Negócios Estrangeiros. Os observadores consideram que o P.N.P. tem grandes chances de formar um governo se conseguir reforçar a tempo as suas fileiras.

Os liberais, que constituem a segunda força política do Ghana, apoiam segundo presidente civil do País, partidário do pluralismo e de relações políticas e económicas liberais.

O duelo eleitoral entre

ROMA 26— Ugo La Malfa, vice-presidente do Conselho de ministros italiano, faleceu ontem de manhã em Roma, vítima de uma trombose cerebral que o prostrara no sábado. La Malfa encontrava-se desde então em estado de coma numa clínica.

Ugo La Malfa, que era presidente do Partido Republicano e uma das mais eminentes personalidades políticas italianas, fora encontrado inanimado no sábado na sua cama. Os médicos da clínica que o hos-

socialistas e liberais indicará sobretudo nas várias questões respeitantes ao desenvolvimento económico ghanense que, após a ditadura militar de sete anos do general Acheampog, se encontra numa grave crise. (Tanjug)

pitalizou declararam que havia poucas esperanças de o salvar.



Ugo La Malfa

## Novo governo de Grenada

NOVA IORQUE 23 — Depois da Jamaica, do Barbados, da Guiana e da Grã-Bretanha, os Estados-Unidos reconheceram o novo governo de Grenada de Maurice Bishop, instaurado a seguir a uma sublevação popular em 13 de Março.

(PL)

## Bureau da OLP em La Valetta

LA VALETTA 23 — A Organização de Libertação da Palestina (OLP) abrirá brevemente uma representação em La Valetta, capital de Malta, anunciou um funcionário do Partido Maltes do Trabalho no poder.

## Recenseamento no Benin

SÃO PAULO 23 — A polícia de choque brasileira, equipada de blindados e acompanhada de cães, cercou na sexta-feira as sedes de três sindicatos de metalúrgicos do subúrbio de São Paulo em greve há onde dias. A greve é seguida por 175 mil metalúrgicos. (FP)

## Continua a Greve em S. Paulo

COTONU 22 — Um recenseamento geral da população e da Habitação decorre desde a semana passada em todo o Benin. Várias equipes de recenseadores, recrutados entre os professores, passarão de casa em casa, de dia e à noite, para recensear a população das cidades e aldeias, até o dia 30 de Março. (FP)

## Praia: demissão de dois membros do governo

PRAIA, 22 — Um comunicado publicado na passada quarta-feira, anunciou que o ministro da Saúde e Assuntos Sociais, camarada Manuel Faustino, e o secretário de Estado das Finanças, camarada José Tomás Veiga, apresentaram ao chefe do Governo, camarada Pedro Pires, o pedido de demissão dos cargos que ocupavam.

Estas demissões foram

aceites e transmitidas ao Presidente da República.

Provisoriamente, acrescenta o comunicado, o Primeiro Ministro ocupará as funções do ministro da Saúde e Assuntos Sociais, enquanto que o secretário de Estado das Finanças demissionário continuará a despachar os assuntos correntes, aguardando a nomeação do seu sucessor.

Manuel Faustino era membro do Governo caboverdiano desde 30 de Dezembro de 1974. Tinha sido nomeado nesta data, ministro da Educação e Cultura do Governo de transição, formado com Portugal para preparar a independência do país. Depois disso, em Julho de 1975 mudou de pasta, passando a ocupar a da Saúde e Assuntos Sociais. (AFP)

No fim da viagem à Europa

Presidente Luis Cabral chega hoje a Argel

ração entre os dois países amigos.

À tarde, o Presidente Luís Cabral foi recebido no Parlamento da Noruega (Assembleia Nacional) pelo respectivo presidente, Guttorm Hansen, tendo mantido uma pequena troca de impressão com este. Em seguida, manteve um demorado diálogo com o Comité das Relações Exteriores do Parlamento norueguês.

Nesse encontro, o Presidente Luís Cabral expôs as linhas que orientam a nossa política externa e respondeu a algumas questões levantadas pelos parlamentares noruegueses.

Ainda no mesmo dia, o Chefe de Estado da Guiné-Bissau recebeu em audiência o embaixador de Portugal em Oslo, Fernando Reina em visita de cortesia, e Abdul Minty, representante do Congresso Nacional Africano da África do Sul — ANC, que é um estudioso do poderio militar do regime racista da África do Sul e falou do perigo que representa para a humanidade, e muito em particular para a África, o potencial bélico do regime do «apartheid».

Por último, o camarada Luís Cabral recebeu uma delegação da Associação dos emigrantes caboverdianos na Noruega, que conta 110 membros. O presidente desta Associação fez uma exposição das suas actividades

durante os três anos da sua existência.

«A ajuda para o desenvolvimento não deve nem pode ser eterna, pois temos recursos que devem ser explorados racionalmente», disse o camarada Luís Cabral num banquete oferecido em sua honra pelo primeiro-ministro norueguês, Odvar Norli, no castelo de Akershus, no passado dia 20.

Durante o seu discurso, o Chefe de Estado da Guiné-Bissau focaria o domínio marítimo como um factor de cooperação entre Bissau e Oslo, e agradeceu o inestimável apoio concedido pela Noruega à nossa luta de libertação nacional e, agora, na nova fase de reconstrução nacional.

Luís Cabral condenou na sua intervenção, o regime odioso da África do Sul, considerando o «apartheid» como um gerador potencial de conflitos e como um factor preponderante para a desestabilização mundial.

No seu discurso, o primeiro-ministro norueguês destacaria o papel desempenhado pelo nosso povo, guiado pela a sua vanguarda revolucionária, o PAIGC, «que revelou sempre uma chefia forte e unida».

Odvar Norli sublinharia, a terminar, que o seu país, através das Nações Unidas e as suas diversas sub-organizações, colaboraria de modo positivo com a Guiné-Bissau «porque estamos convencidos que a Pátria de Cabral

desempenha um papel relevante no Terceiro Mundo».

O Chefe de Estado Guineense chegou no princípio da tarde do dia 22, à capital sueca, Estocolmo, tendo sido recebido pelo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros sueco, Palme Lundi. Nessa mesma tarde, Luís Cabral teve um encontro com o primeiro-ministro sueco, Ola Ullsten.

Durante o encontro, o chefe do Governo da Suécia felicitou o camarada Presidente pelos bons resultados obtidos pelo nosso Governo ao longo deste cinco anos de independência total. A cooperação entre os dois países, bem como o seu incremento, foram os principais pontos debatidos.

Ainda nessa mesma tarde, o camarada Luís Cabral foi recebido no Parlamento sueco, tendo tido um encontro com o líder do Partido Social-Democrata, Olof Palme, antigo primeiro-ministro. O encontro entre os dois dirigentes foi dominado pelos problemas respeitantes à cooperação entre a Guiné-Bissau e a Suécia e sobre os principais problemas da actualidade internacional e, muito em particular, a situação que prevalece na África Austral.

No dia 24 Luís Cabral visitou a firma sueca de prospecção mineira Lkab Internacional AB.

Continuação da pág. 1

## ENCONTRO DE TÉCNICOS CERVEJEIROS

Um encontro internacional de técnicos cervejeiros reúne desde ontem, na nossa capital, cerca de 45 delegados de países de expressão portuguesa produtores de cerveja, nomeadamente, Portugal, Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau. Embora tenha sido convidado, o Brasil não se fez representar neste encontro, que tem por finalidade uma troca de experiência, dada a evolução da técnica de cerveja a responsabilidade que o sector cervejeiro tem na indústria alimentar.

Falando à nossa reportagem, à sua chegada ao aeroporto de Bissalanca, o chefe da delegação portuguesa, eng. Luís Deslandes, salientou o significado do encontro que possibilita a discussão de problemas comuns e visa encontrar novas formas de encarar os problemas técnicos da indústria cervejeira.

Entretanto, chegou igualmente a Bissau no mesmo voo uma delegação da Companhia Nacional de Navegação portuguesa, que vem dar ajuda técnica na parte administrativa e no domínio de transportes marítimos à Guiné-Mar. Segundo o sr. Lindin Serra, do sector comercial da CNN e chefe da delegação, que é integrada por mais quatro elementos, trata-se da aplicação prática dos acordos resultantes das conversações havidas entre as duas partes, em Fevereiro último, aquando da reunião da Comissão Mista luso-guineense, em Bubaque. Nesta ordem de ideias, dois elementos da delegação permanecerão no país a fim de colaborar na formação, de quadros, visando o ajustamento da companhia, com especial incidência no aspecto administrativo.

## SEMANA DO FILME FRANCES

Uma série de sete filmes vai preencher a Semana do Cinema Francês que começou ontem no Cine-UDIB e prolongar-se-á até 1 de Abril.

A embaixada da França, conjuntamente com o Instituto Nacional de Cinema e o Centro Cultural francês, empenhou-se em proporcionar-nos sete películas com artistas de nomes sonoros, nomeadamente Jean Gabin, que aparece em quatro filmes com o principal papel, Annie Girardot, Lino Ventura, Jean-Louis Trintignant e várias outras caras conhecidas do cinema francês.

Inaugurou ontem a sessão o filme *Un Singe en Hiver*, e para hoje teremos *Le Rouge Est Mis*.

## Primeira reunião do CNG

Continuação da pág. 1

A reunião de sexta-feira foi dominada pelo estudo das medidas concretas necessárias para pôr em prática as decisões da reentrevista do Conselho Superior da Luta, no Mindelo. Neste âmbito, o Comité Permanente do CNG debruçou-se sobre problemas relacionados com o desenvolvimento progressivo da democracia interna do Partido de acordo com os princípios do centralismo democrático e da direcção coletiva; com a melhoria dos nossos métodos de trabalho; com a formação e a superação dos quadros partidários; e com a melhoria das condições materiais das estruturas regionais, especialmente no que diz respeito a sedes e meios de transporte.

Tendo em vista ainda a execução das directrizes traçadas pelo CSL, o Comité Permanente abordou questões ligadas ao esforço que tem vindo a ser desenvolvido no sentido de se preencher totalmente as estruturas previstas nos Estatutos. Foi salientada a necessidade de um funcionamento regular do Comité Permanente e do Secretariado do CNG, tendo-se decidido a realização de assembleias de quadros nas regiões e a convocação da Conferência do Sector Autónomo de Bissau.

No âmbito das actividades do CNG, foi também decidida a continuação da campanha de inscrição de militantes, tanto na capital como nas regiões, bem como a atribuição de tarefas

partidárias concretas a todos os membros do CSL e do CNG e aos quadros do Partido.

Noutros pontos da sua extensa agenda de trabalhos, o Comité Permanente fixou a data da próxima reunião da Comissão das Comemorações do XX aniversário do massacre de Pindjiguiti e aprovou o encaminhamento do Comité do Partido da região de Bolama — Bijagós para o ano económico de 1979.

Finalmente, o Comité Permanente do CNG, na sua reunião de 6.ª feira, dedicou uma atenção especial à necessidade de formação de quadros no domínio da Informação, tendo em vista o desenvolvimento do trabalho de propaganda do Partido.

## EDITORIAL

Continuação da pág. 1

ções que os trabalhadores do Jornal, na sua grande maioria, estão sincronizados com o tempo que passou e que esses anos foram anos sérios de aprendizagem e de formação.

Se, por um lado, os homens formam-se — e isso é grato reconhecê-lo, — por outro, faz-se sentir pesadamente o poder erosivo do tempo sobre as frágeis estruturas materiais que herdámos. O actual número do nosso Jornal documenta isso de forma gritante, pois é produto de um sério esforço dos nossos trabalhadores que, a todos os níveis, fazem face a problemas técnicos que têm dificultado e algumas vezes impedido a publicação do nosso trisemanário. Essa situação exige os esforços necessários à sua solução por parte dos trabalhadores da Informação que empenhados nesse sentido, estão seguros de contar com o apoio necessário que o Governo, como sempre, não deixará de lhes conceder.

Produto da luta constante entre a determinação de cumprir cada vez melhor a sua tarefa e as limitações que a realidade impõe e raras vezes podemos controlar, o «NÔ PINTCHA» continua ao fim de quatro anos a singrar o caminho que lhe ditam os altos interesses do nosso Povo e do nosso Partido.

Verificar isso é julgar a actividade dos jovens que nele trabalham e que nos têm dado a certeza de alimentarem um espírito, uma consciência que garantirá a realização, não somente de um Jornal, mas, e isso é o mais importante, a realização permanente da alta missão que é informar o nosso povo no quadro da formação do Homem novo que o nosso Partido modela.

## CONSELHO DE COMISSÁRIOS

Cont. da pág.

Este foi o principal ponto discutido na reunião semanal do Conselho dos Comissários de Estado, realizada na quarta-feira, e que foi presidida pelo camarada Comissário Principal, João Bernardo Vieira (Nino).

O Conselho dos Comissários decidiu ainda criar uma Comissão constituída por representantes de departamentos da Justiça, Finanças e Função Pública, que será encarregada de estudar a remuneração atribuída a determinados funcionários nos termos do Decreto n. 16-77. O Conselho discutiu igualmente algumas questões que foram postas pela Secretaria de Estado das Pescas.

## IV aniversário do «Nô Pintcha»

Continuação da pág. 1

A edição que hoje publicamos foi realizada em condições mais do que precárias, contando com uma única compositora de «offset», já que as quatro valentes e veneráveis compositoras a chumbo em que sempre tem sido produzido o «Nô Pintcha» agonizam, imóveis. Sobre esse chumbo tristemente frio arrefeceram os nossos projectos de pôr hoje à venda uma edição de 28 páginas, vinte das quais dedicadas ao aniversário do único jornal da Guiné-Bissau independente, aos homens e mulheres que o fazem, ao Povo para quem o fazem, ao passado, ao presente e ao futuro da informação que fazemos, mas, principalmente, da Informação que queremos fazer.

Deste belo projecto ficou-nos apenas um suplemento cultural, que continuaremos a publicar mensalmente

(pelo menos, assim o esperamos...) e algumas crónicas-depoimentos de camaradas da redacção, que preenchem as páginas centrais. Quanto às restantes seis páginas, fazemos o que podemos com uma pirâmide de materiais elaborados para publicação em três datas diferentes. Se alguém disser que o resultado foi bom, seremos nós os mais surpreendidos.

Mas porque a vida continua e o «Nô Pintcha» que temos hoje será um dia um grande diário verdadeiramente nacional, em conteúdo e em expansão, festejamos também este aniversário sob outras formas, que não são aquela que mais prezamos: já fizemos um baile e uma sessão de cinema, teremos hoje um jantar de confraternização que será animado por uma série de «sketchs» teatrais à responsabilidade dos «actores»

da casa, e amanhã iniciaremos, com uma sessão solene de abertura, um seminário de jornalismo que se prolongará — já sem nenhuma solenidade — pelos próximos meses. Também a nossa secção desportiva organizou, com grande êxito, um torneio de futebol de cinco que terminou pela atribuição à equipa de Air Algérie de uma taça que galhardamente havíamos conquistado noutra competição (somos pobrezinhos, mas honramos os nossos compromissos...).

Como se vê, para darmos todo o brilho adequado às comemorações deste aniversário, só nos falta... o principal: uma verdadeira edição comemorativa e a possibilidade de prometermos aos nossos leitores que retomaremos a publicação regular do «Nô Pintcha» na próxima quinta-feira.